Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Eni Ferreira Teixeira

O vocativo “Nem” no imaginário linguístico brasileiro

Rio de Janeiro
2013

Eni FerreiraTeixeira

O vocativo “Nem” no imaginário linguístico brasileiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa

Orientador Prof. Dr. Helênio Fonseca de Oliveira

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

T266 Teixeira, Eni Ferreira.
O vocativo “nem” no imaginário linguístico brasileiro / Eni Ferreira Teixeira. – 2013.
96 f. : il.

Orientador: Helênio Fonseca de Oliveira.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Sociolinguística – Teses. 2. Linguística de corpus - Teses. 3. Língua portuguesa - Sintaxe - Teses. 4. Análise do discurso – Aspectos sociais – Teses. 5. Preconceitos – Teses. 6. Imaginário – Teses. I. Oliveira, Helênio Fonseca de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Eni Ferreira Teixeira

O vocativo “Nem” no imaginário linguístico brasileiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa

Aprovado em 18 de fevereiro de 2013

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Helênio Fonseca de Oliveira (Orientador)
Instituto de Letras da UERJ

_____
Profª. Dra. Lúcia Deborah de Salles Cunha
Instituto de Letras da UERJ

_____
Profª. Dra. Luciana Maria Almeida de Freitas
Faculdade de Educação da UFF

Rio de Janeiro

2013

DEDICATÓRIA

Ao meu pai *(in memoriam),* a minha mãe e ao meu amor Marcel. Sem o apoio de vocês, eu jamais teria conseguido chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de todo o coração a todas as pessoas que participaram desta grande conquista pessoal e profissional. Em especial, agradeço:

À Inalda, pelo apoio, pela ajuda, incentivo e, principalmente, pela paciência.

Ao Professor Doutor Helênio Fonseca de Oliveira, meu orientador, pelas valiosas discussões e colaborações acadêmicas.

Aos meus professores do curso de especialização em Língua Portuguesa da UERJ, pela amizade e incentivo acadêmico.

Aos professores do curso de pós-graduação *stricto senso* em Letras da UERJ, pelas contribuições valiosas à minha vida acadêmica e profissional.

Aos meus colegas do mestrado, pelas experiências trocadas.

À querida amiga Pâmela, que sempre colabora, direta ou indiretamente, com as minhas pesquisas.

Aos queridos amigos, professores e alunos do Cap-Uerj, que torceram por mim.

Vai arrasa nem
Vai arrasa nem
Sacode, agita requebra nesse vai vem
Arrasa nem
Vai arrasa nem
Ai tá gostosinho delícia vem dançar também
Amor
Se arruma pra gente sair
É festa e hoje eu vou me divertir
O Dj tá tocando solta o pancadão
Que as minas quer se acabar aqui no meio do salão

Mc Marcinho

RESUMO

TEIXEIRA, Eni Ferreira. *O vocativo “Nem” no imaginário linguístico brasileiro*. 2013. 96 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Este estudo tem por objetivo analisar o vocativo “nem”, oriundo do dialeto social da cidade do Rio de Janeiro, no imaginário linguístico brasileiro, a partir do conceito de Patrick Charaudeau (2008) sobre o imaginário sociodiscursivo. A perspectiva teórica abordada está centrada na Análise do Discurso. Apresenta-se, no início, o referencial teórico que embasou o estudo e, posteriormente, descreve-se o percurso da pesquisa, que contempla o *corpus* colhido em redes sociais de relacionamento e blogs. Além do material encontrado para a pesquisa, também foram aproveitadas algumas experiências pessoais sobre o tema, tanto em sala de aula, quanto em conversas com amigos. Durante a pesquisa, buscou-se realizar a descrição do vocábulo, a partir de breves comentários a respeito da variação linguística e preconceito linguístico, bem como sobre atitudes, crenças e imaginários. A análise conduzida demonstrou os tipos de crença negativa que circulam em determinado grupo social, bem como a construção da identidade, de alguns indivíduos das classes consideradas desprestigiadas socialmente, que pode ser percebida por determinadas atitudes dos falantes. Há algum tempo, não era observada nos falantes uma afirmação da identidade. Esse comportamento recente só pode ser analisado dessa forma, visto que este estudo aconteceu quase que em tempo real. Como resultado, a pesquisa revelou o imaginário negativo que os falantes da variedade prestigiosa da língua cultivam em relação aos usos, e aos usuários, do referido item lexical. Da mesma forma, foi observado como os usuários do vocativo se posicionavam frente à rejeição. Tais reflexões podem colaborar para os estudos linguísticos de forma a minimizar o preconceito linguístico no ensino da língua materna em relação à variedade que faz parte do dialeto desprestigiado socialmente.

Palavras-chave: Imaginário sociodiscursivo. Atitudes. Crenças. Preconceito linguístico.

ABSTRACT

This study aims at analyzing the vocative “Nem”, original from the social dialect of the city of Rio de Janeiro, in the linguistic imaginary of the Brazilian people, based on the concept of Patrick Charaudeau (2008) about the social-discursive imaginary. The theoretical perspective approached is based on the Discourse Analysis. It is firstly presented the theoretical reference that served as base for the study, and after that, the path of the research is described, comprising the *corpus* collected in social relationship networks and blogs from the internet. Beyond the material gathered for researches, some personal experience on the theme is also used, in classrooms, and in conversations with friends. During the researches, the focus was the description of the vocabulary, starting from brief comments regarding the linguistic variation and prejudice, as well as attitudes, believes and imaginaries. The analysis performed has demonstrated the types of negative believes held by certain social groups, as well as the construction of identity, by some individuals of minor social classes, what can be noticed by some attitudes of the speakers. Some time ago, it was not observed an identity affirmative attitude by the speakers. This recent behavior can only be analyzed in this way, as this study was done almost live. As a result, the research revealed the negative imaginary cultivated by the speakers of the major variety of the language about the uses and users of such lexical item. It was also observed how the users of the vocative faced rejection. Such considerations can help with the linguistic studies in order to reduce linguistic prejudice in mother tongue teaching in regards to the variety of the minor social dialect.

Keywords: Social-discursive imaginary. Attitudes. Believes. Linguistic prejudice.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	**OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS**.....	13
1.1	**O conceito de imaginário sociodiscursivo de Patrick Charaudeau**.....	13
1.1.1	A situação de comunicação e o propósito comunicativo.....	13
1.1.2	Noções importantes para a definição do imaginário sociodiscursivo: "representações sociais" e os "sistemas de pensamento".....	15
1.1.3	Imaginário social e imaginário sociodiscursivo.....	19
1.1.4	Estereótipos e imaginário.....	21
1.2	**Imaginários, crenças e atitudes na obra de outros autores**.....	23
2	***O vocativo "Nem" e as redes sociais: o percurso da pesquisa***....	26
2.1	**Descrição do *corpus***.....	29
2.2	**Atitudes, crenças e o vocativo "Nem"**.....	30
2.2.1	O vocativo "Nem" como objeto de estudo.....	30
2.2.2	Objetivos da pesquisa sobre o vocativo "Nem".....	30
2.3	**O vocativo "Nem"**.....	33
2.3.1	As redes sociais e o vocativo "Nem".....	33
2.3.1.1	Orkut e as crenças em relação ao vocativo "Nem".....	33
2.3.1.2	A rejeição do "Nem" no Facebook.....	42
2.3.2	Os blogs e as opiniões sobre o vocativo "Nem".....	46
3	**O IMAGINÁRIO REFERENTE AO VOCATIVO "NEM"**.....	48
3.1	**Variação linguística e preconceito linguístico**.....	49
3.2	**Atitudes, crenças e imaginário**.....	55
3.2.1	Imaginários.....	61
3.2.2	O imaginário em sala de aula.....	64
4	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....	67
	REFERÊNCIAS.....	71
	ANEXO.....	75

INTRODUÇÃO

> *No fundo, o preconceito linguístico é um preconceito social. É uma discriminação sem fundamento que atinge falantes inferiorizados por alguma razão e por algum fato histórico. Nós o compreenderíamos melhor se nos déssemos conta de que 'falar bem' é uma regra da mesma natureza das regras de etiqueta, das regras de comportamento social. Os que dizemos que falam errado são apenas cidadãos que seguem outras regras e que não têm poder para ditar quais são as elegantes.*
>
> *Sírio Possenti (2011)*

Partindo do pressuposto de que a língua é socialmente construída e, que, consequentemente, reflete valores, crenças, formas de ver o mundo, o presente estudo busca analisar o imaginário que os falantes da variedade prestigiosa da língua cultivam a respeito dos usuários do vocativo "nem".

A partir de opiniões e relatos recolhidos principalmente em redes sociais da internet, busca-se debater o tipo de imaginário negativo sobre esse item lexical, típico de um dialeto social da cidade do Rio de Janeiro, que circula nesses grupos.

Optou-se, na execução do trabalho, por tomar como base o conceito de Patrick Charaudeau (2008) sobre o imaginário sociodiscursivo. Segundo o autor, a estruturação dos imaginários sociais dá origem aos "sistemas de saber", "de conhecimento" e "de crença". O "saber do conhecimento" se caracteriza pela objetividade e o "saber de crença" apoia-se no que podemos denominar "voz do povo", porque envolve julgamentos de valor.

Dessa forma, fala-se em imaginários conforme esses saberes ou representações constroem o real como universo de significação. Tais imaginários circulam no interior de um grupo social em forma de crenças. Como o imaginário resulta de um processo de simbolização do mundo a partir da intersubjetividade das relações humanas, dizemos que ele possui duas funções: justificar as ações humanas e criar valores. Nesse caso, a palavra "imaginário" tem um significado diferente do dicionarizado, porque é uma imagem da realidade, uma imagem que interpreta a realidade.

O imaginário resulta da interação homem - mundo e homem - homem. Essa dupla interação produz atos subentendidos, em que gestos, representações, práticas se misturam e se instruem mutuamente. Tal fato nos faz levantar a hipótese de que

talvez nem todos os imaginários sejam conscientes. Alguns possuem fins identitários e outros circulam nos grupos sociais de maneira inconsciente e, assim, se inserem na sociedade como julgamentos implícitos ou maneiras de falar.

É possível dizer, ainda, que o imaginário pode ser considerado um conjunto de crenças que circula nos grupos sociais. Muitas vezes as atitudes e crenças que percorrem nestes grupos são negativas e depreciativas. Geralmente, esse fato é perceptível em relação aos dialetos desprestigiados socialmente, porque quem utiliza a variedade prestigiosa da língua emite juízo de valor em relação aos falantes que não a utilizam.

Tendo em vista o afirmado anteriormente, quem utiliza a variedade estigmatizada socialmente é passível de sofrer preconceito. Atitudes e crenças de rejeição podem levar a julgamentos compartilhados na sociedade. Esse é exatamente o fator observado no estudo em relação ao vocativo em questão.

Com a escolha desse tema visamos a promover uma reflexão em alunos, professores, estudiosos e pesquisadores, buscando-se, consequentemente, formas de minimizar esses pré-julgamentos que, conforme a epígrafe acima, se constituem, na realidade, em preconceitos sociais.

Além disso, como o campo da Análise do Discurso[1], com ênfase na sociolinguística, ainda é pouco explorado, esta pesquisa tem a intenção de preencher tal lacuna.

Para a realização deste texto partiu-se de um *corpus* prévio, retirado do Orkut, que foi complementado posteriormente com relatos retirados de outro *site* de relacionamento social - o Facebook, de experiências pessoais e de sala de aula.

O *corpus* estudado foi pesquisado, preponderantemente, na internet, mais precisamente nas redes de relacionamento social e blogs, visando a uma menor interferência do autor das opiniões recolhidas.

Optou-se, assim, pela realização de um estudo de base qualitativa, alicerçado pela hipótese: o uso e a rejeição do vocativo “Nem” são condições para que o

[1] De acordo com Nogueira (2004), ” a proposta de análise do discurso de Charaudeau define-se em função de um desafio básico: articular as dimensões psicossociológicas envolvidas num ato de linguagem - especialmente, a identidade e os papeis sociais dos interlocutores, as relações sociais em que estão inseridos, os objetivos, as representações e as expectativas dos parceiros – com as dimensões propriamente lingüísticas ou linguageiras que o caracterizam, ou seja, com as propriedades formais e semânticas do discurso em questão”.

falante pertença a um grupo social. Por fim, os dados recolhidos foram relacionados com a bibliografia para a elaboração do texto ora apresentado.

O presente trabalho se organiza em quatro capítulos. No primeiro, intitulado “Os imaginários sociodiscursivos”, expõe-se teoricamente os conceitos utilizados. Assim, será revisado o conceito de imaginário sociodiscursivo, retirado da obra de Patrick Charaudeau (2008), que foi a base deste estudo, bem como se apresentam outras definições, de autores diversos, sobre imaginários, atitudes e crenças, como Santos (1996), Houdebine - Gravaud (2002) e Fraga (2009), que visam a auxiliar na análise final do *corpus* recolhido.

No segundo capítulo, realizam-se descrição e comentários a respeito do objeto e dos locais de pesquisa, dos objetivos e do *corpus.* Algumas definições foram expostas explicitadas nesse capítulo, a fim de facilitar o entendimento do estudo.

O terceiro capítulo apresenta a descrição do imaginário referente ao objeto de estudo. Dessa forma, além da apresentação de algumas considerações sobre o preconceito linguístico e sobre variação linguística, será realizada, com base nos relatos retirados das redes sociais de relacionamentos e blogs, uma análise do imaginário referente ao vocativo “nem”, que circula na sociedade.

O quarto e último capítulo apresenta as considerações finais, expõe, também, possíveis propostas de trabalho para os docentes da área de línguas e aponta outras questões que precisam ser analisadas, abrindo caminho para novos estudos. Afinal, “os que dizemos que falam errado são apenas cidadãos que seguem outras regras e que não têm poder para ditar quais são as elegantes” (POSSENTI, 2011).

Com base nas informações anteriores, percebeu-se uma lacuna, nos estudos linguísticos, que poderia ser preenchida com o presente estudo. A opção por analisar as atitudes e as crenças dos falantes em relação ao vocativo “nem”, por conseguinte, poderá mostrar-se importante não só para pesquisadores da área, como para o trabalho do professor em sala de aula, já que nosso objetivo também é elaborar um trabalho que possibilite a minimização de pré-julgamentos.

1 OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Embora vários autores abordem a questão do imaginário, este estudo toma como base central o conceito de imaginário sociodiscursivo de Patrick Charaudeau (2008). Este capítulo, portanto, e conforme indicado na introdução, tem por objetivo revisitar a obra do referido autor para descrever o conceito de imaginário, bem como de outros que, da mesma forma, têm importância em sua definição.

Já que na estruturação dos imaginários sociodiscursivos tem-se a mecânica das representações sociais que dão origem aos sistemas de crença por meio da produção de discursos, considerou-se importante, como forma de complementar o estudo, a consulta a outros autores que abordam o imaginário, tais como Santos (1996), Houdebine-Gravaud (2002) e Fraga (2008), bem como abordar questões intimamente relacionadas ao tema.

1.1 O conceito de imaginário sociodiscursivo de Patrick Charaudeau.

Enfoca-se aqui o debate realizado por Patrick Charaudeau sobre o conceito de imaginário sociodiscursivo, situação de comunicação, propósito comunicativo, bem como algumas noções importantes para a definição do conceito, tais como representações sociais, representações de pensamento e estereótipos.

1.1.1 Situação de comunicação e propósito comunicativo

Em Charaudeau, vimos que os conhecimentos e os julgamentos que se fazem do mundo são múltiplos e variados e para que possam ser assimilados conceitualmente, é preciso ordená-los e classificá-los. Cada pessoa, conforme o tipo de sociedade em que vive, determina os objetos de conhecimento, atribuindo-lhes valores e classificando-os em domínios de experiência.

Isso se faz por meio da atividade de linguagem que tematiza os objetos, problematiza a maneira de considerá-los e precisa o posicionamento daquele que

fala. O falante, porém, não é totalmente livre para tematizar o discurso, ou seja, ele depende da situação[2] de comunicação. Consoante Charaudeau (2008), o sujeito "depende (...) da situação de comunicação na qual se encontra quando fala e que se impõe, a ele e a seu interlocutor, certo número de restrições da qual faz parte o propósito comunicativo" (2008, p. 188).

O mesmo autor afirma que, no ato de discurso, o propósito pode ser definido pelo projeto que se tem em mente ao tomar a palavra, ou seja, pode-se dizer que ele corresponde ao tema ou assunto do discurso. Por mais que se fale ou se escreva com finalidade de estabelecer uma relação entre os sujeitos do discurso, em um ato comunicativo, porém, a situação de comunicação seria vazia de sentido sem o conhecimento de mundo que trazemos, isto é, sem o conhecimento que se tem da realidade e os julgamentos que fazemos dela.

Dessa forma, Charaudeau (2008, p. 188) nos informa que "toda situação de comunicação determina de antemão, em seu dispositivo, um campo temático, uma espécie de 'macrotema' que lhe é próprio e que impede que esta situação seja confundida com outra".

Entende-se, assim, que o centro da situação de comunicação é o sujeito, porque este interage diretamente com seu interlocutor. Consoante Charaudeau (2009), essa relação pode ser definida de acordo com três características: as físicas, ligadas ao parceiro e aos canais de transmissão da mensagem; as identitárias do parceiro; e as contratuais.

Em determinada situação de comunicação espera-se que o locutor indique seu propósito para que o seu interlocutor reaja. Assim, essa reação, que depende da situação, é esperada e definida por um contrato de comunicação.

O "Contrato de comunicação" [3] é um dos conceitos da análise semiolinguistica do discurso de Patrick Charaudeau e pode ser definido "como um conjunto de 'regras' discursivas que determinam o que é e o que não é 'permitido' no ato de produzir e de interpretar textos (orais e escritos)" (OLIVEIRA, 2003, p.87), estabelecendo os limites dos sujeitos da comunicação na atividade da codificação e da descodificação de um enunciado.

---

[2] De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 450), "esse termo refere-se ao conjunto de condições que organizam a emissão de um ato de linguagem. Essas condições permitem, por exemplo, saber a que ou quem remetem os pronomes e certos advérbios (eu, tu, ele, este, aqui, lá, ontem, o seu...), e desambiguizar. (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008, p.450)".

[3] Para saber mais sobre o conceito, ver Charaudeau e Maingueneau, 2008, p.130.

Então, toda situação de comunicação determina previamente um campo temático para que uma situação não seja confundida com outra. O sujeito que fala tem liberdade para abordar o tema da maneira que escolher, mas com a condição de que esteja relacionado ao campo temático (a menos que não respeite o tema). Portanto, o interlocutor espera ver tratado o propósito de acordo com a situação de comunicação na qual se encontra. Isso faz com que ele não confunda o propósito de determinado discurso com os demais.

1.1.2 Noções importantes para a definição do imaginário sociodiscursivo – "representações sociais" e os "sistemas de pensamento"

De acordo com Charaudeau (2008), o conceito de "representações sociais" aparece inicialmente em Durkhein sob o nome de "representações coletivas", Moscovici, porém, propôs o termo de forma mais genérica.

Para o autor, "o indivíduo não pode se contentar em agir, ele deve dar a si mesmo uma razão para agir, motivos, finalidade para fazê-lo" e completa dizendo que "as representações sociais são, consequentemente, uma forma de conhecimento socialmente compartilhado do mundo" (CHARAUDEAU, 2007).

Como os pontos de vista são inúmeros, ele utiliza partes dessas diferentes visões para integrá-las em uma problemática do discurso.

Em primeiro lugar, o indivíduo está preso às práticas sociais concretas, nas quais faz trocas com outros e torna o mundo intelígível ao atribuir-lhe valores. Essa atividade funda-se ao mesmo tempo sobre uma consciência afetiva e sobre uma consciência racional, originária da experiência de mundo que ele produz e que se apoia nos conhecimentos adquiridos sobre julgamentos herdados. Dessa forma, as representações sociais "comportam uma tripla dimensão: cognitiva (organização mental da percepção), simbólica (interpretação do real) e ideológica (atribuição de valores que desempenham o papel de normas societárias)" (CHARAUDEAU, 2008, p.194).

Não se pode, também, separar as representações sociais de uma teoria do sujeito. Para o autor, o sujeito individual ou coletivo é sobredeterminado pelas representações do grupo ao qual pertence ou deseja pertencer. Assim, sendo o ato

de comunicação uma troca entre dois ou mais sujeitos que criam um elo social e estabelecem representações partilhadas, as representações podem variar de um grupo a outro e até mudar no interior do mesmo grupo.

A função das “representações” é a interpretação da realidade que nos cerca, mantendo com ela relações de simbolização e lhe atribuindo significações. Essas representações são constituídas pelo conjunto das crenças, dos conhecimentos e das opiniões produzidos, partilhados por indivíduos de um mesmo grupo a respeito de um dado objeto social.

Sob o ponto de vista da análise do discurso, Charaudeau definiu o termo “representações sociais” não como um conceito, mas como

> un mécanisme de construction du sens qui façonne, formate la réalité en réel signifiant, engendrant des formes de connaissance de la “réalité sociale”. Dans cette perspective, les représentations sociales ne sont pas un sous-ensemble des imaginaires ou des idéologies comme d’autres le proposent , mais une mécanique d’engendrement des savoirs et des imaginaires, ce que nous allons voir par la suite. (CHARAUDEAU, 2007, p.4)[4].

Em suma, podemos dizer que a mecânica das representações sociais, a partir da produção de conhecimento do discurso, é estruturada em saberes de conhecimento e saberes de crença. Influenciados por esses tipos de saber, os princípios de coerência criam teorias, doutrinas ou opiniões.

Charaudeau (2008) formulou a hipótese de que essas representações constituem maneiras de classificar o mundo e de lhe atribuir valor (julgamento), mediante discursos que produzem saberes. Esses saberes são maneiras de dizer configuradas e dependentes da linguagem, que contribuem para construir sistemas de pensamento. Para o autor, esses sistemas de saber são reagrupados em dois tipos, que estruturam as representações sociais: saberes de conhecimento e saberes de crença.

Os saberes de conhecimento participam da razão científica, porque visam a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo, isto é, caracterizam-se

[4] O trecho correspondente na tradução é: “um mecanismo de construção do sentido, que molda, formata a realidade, transformando-a em real significante, produzindo desse modo formas de conhecimento da ‘realidade social’. Nessa perspectiva, as representações sociais são um mecanismo de produção de saberes e de imaginários”. Disponível em: http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les,98.html

pela objetividade. Assim, o discurso construído pertence a um terceiro impessoal, independente do ato de comunicação e que desempenha, ao mesmo tempo, papel de referência e de verificador do saber. Dessa forma, se afirmarmos “que ‘dois mais dois são quatro’ temos a impressão de recorrer a um enunciado que se apresenta como uma verdade absoluta” (CHARAUDEAU, 2008, p. 198).

Segundo o autor, os saberes de crença “visam a sustentar um julgamento sobre o mundo” (CHARAUDEAU, 2008, p. 198). Assim, se referem aos valores que lhe atribuímos e não ao conhecimento sobre o mundo, ou seja, apoiam-se no que se pode chamar de “a voz do povo”. Seria um modo de explicação centrado na realidade e que não depende do julgamento humano, uma vez que eles são procedentes de um juízo não relativo ao conhecimento do mundo, mas aos pensamentos e comportamentos dos sujeitos.

Deve-se admitir, portanto, a existência de vários julgamentos sobre o mundo. Eles são objeto de divisão. Todo juízo de crença, por conseguinte, está fundado em uma partilha, por isso pode-se dizer que tem uma função identitária.

De acordo com essas distinções, os sistemas de pensamento resultam de determinado ordenamento de saberes em sistemas de conhecimento e de crença, com o propósito de tentar fornecer uma explicação global sobre o mundo e o ser humano. Assim sendo, tomando como base os tipos de saber sobre os quais se fundam os sistemas de pensamento, podemos diferenciar teorias, doutrinas e ideologias.

As teorias são constituídas de saberes científicos e se caracterizam por uma forma de discurso centrado

> em um núcleo de certezas constituído por um conjunto de proposições que têm valor de postulados, princípios ou de axiomas, dos quais dependem os conceitos, os modos de raciocínio e o instrumental metodológico. (CHARAUDEAU, 2008, p.199).

Consequentemente, em razão disso, lidamos com um saber fechado sobre si mesmo e ao mesmo tempo aberto, porque, à medida que é discutido e confrontado com atitudes contrárias, aceita o questionamento pela crítica. Diferentemente das teorias, as doutrinas caracterizam-se por uma forma de discurso fechado. Elas são constituídas em parte pelo saber do conhecimento e em parte pelo da crença.

Para Charaudeau, “as doutrinas se autojustificam fazendo referência a uma palavra fundadora transmitida pela tradição oral ou consignada nos textos que têm um valor mais ou menos sagrado” (CHARAUDEAU, 2008, p.200), mas encontramos uma versão menos sagrada, como no Marxismo em sua versão mais endurecida, apoiada na Teoria do Aparelho do Estado (ALTHUSSER, 1985).

Já as ideologias constituem um conjunto de representações sociais reunidas em um sistema de ideias genéricas, ou seja, a alienação social forma o senso comum da sociedade. Esse senso é resultado de uma elaboração intelectual que descreve o mundo a partir do ponto de vista da classe dominante de sua sociedade. Segundo Chauí, “essa elaboração intelectual incorporada pelo senso comum é a ideologia” (CHAUÍ, 1997, p. 174). As ideologias participam de crenças cuja aceitação ou rejeição deve ser realizada em bloco.

As ideologias e as doutrinas apresentam aspectos em comum, mas Charaudeau as distingue, afirmando que as primeiras se fundam em sistemas de valores de natureza afetiva e normativa. No caso das doutrinas, com base em Charaudeau, “o sistema de valor é configurado e serve como dogma” (2008, p. 201). Quando uma ideologia endurece, ela tende a se tornar-se uma doutrina, mas, quando é fluida, permanece como um simples sistema de crenças.

Além disso, para o autor, as doutrinas e as ideologias articulam o conhecimento doutrinário genericamente, oferecendo uma explicação completa que abrange a atividade social. Assim, na realidade a ideologia é sempre mais ou menos turva - o que também pode garantir o seu sucesso, e quando seu discurso endurece e se fixa em um texto de referência mais ou menos sagrado, ela tende a se tornar-se doutrina. Assim é com o Marxismo, que, se sua origem foi na teoria, tornou-se uma ideologia que tende a ser doutrinal e dogmática.

O propósito de Charaudeau não foi descrever as teorias, as doutrinas ou as ideologias, mas determinar os saberes de crença que circulam e se configuram em imaginários sociodiscursivos.

1.1.3 Imaginário social e imaginário sociodiscursivo

A Filosofia, a Sociologia e a Psicologia Social contribuem para a definição e a classificação dos sistemas de pensamento. A Análise do Discurso organiza os saberes no quais é realizada a demarcação dos valores, sem prejudicar os pensamentos aos quais eles correspondem. Fala-se em imaginários à medida que esses saberes ou representações sociais constroem o real como universo de significação.

Considerando que tais imaginários circulam no interior de determinado grupo social, Charaudeau (2008) denominou-os “imaginários sociodiscursivos”.

Segundo ele:

> L’*imaginaire* est un mode d’appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l’a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s’y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant. (CHARAUDEAU, 2007.)[5]

O imaginário resulta de um processo de simbolização do mundo, de ordem afetivo-racional, a partir da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário tem duas funções: justificar as ações humanas e criar valores.

Ao contrário do que possa parecer, o termo “imaginário social” não é empregado, nesse caso, em seu significado dicionarizado, ou seja: que se opõe à realidade, fabuloso, inventado, irreal ou fictício. O imaginário social é, para Charaudeau, a imagem da realidade, uma imagem que interpreta a realidade e que a faz entrar em um universo de significações.

A significação da realidade é proveniente de uma dupla relação: a relação do homem com a mesma, por meio de sua experiência, e a relação que estabelece com os outros para alcançar o consenso da significação. Assim, a realidade tem a necessidade de ser percebida pelo homem para significar e é exatamente essa percepção significante que produz os imaginários. Por sua vez, tais imaginários dão sentido a essa realidade.

---

[5] O trecho correspondente na tradução é: “O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce da mecânica das representações sociais e que, como dissemos, constrói a significação dos objetos do mundo, dos fenômenos que nele se produzem, dos seres humanos e do seu comportamento, transformando a realidade em real significante [isto é, em real portador de significado]”. On line: disponível na Internet via http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les,98.html

O conceito de imaginário social foi sugerido por Cornelius Castoriadis entre os anos 60 e 70 e seus conceitos foram estendidos por Charaudeau, que aproveitou dois pontos que considerou importantes. O primeiro informa que “o imaginário é um universo de significações fundador da identidade de um grupo na medida em que é ‘o que mantém uma sociedade unida, é o que cimenta seu mundo de significação” [6]. O segundo afirma que o sentido investido nesse imaginário não é “nem verdadeiro nem falso, nem verificável ou falsificável em relação aos ‘verdadeiros’ problemas e à sua verdadeira solução”.[7]

Esse imaginário pode ser classificado como social, à proporção que a atividade do simbolismo de representação do mundo está inserida em uma área das práticas da sociedade, seja ela artística, política, religiosa, educacional, entre outras, determinando-o, como dito por Castoriadis, citado por Charaudeau (2008), a dar coerência à relação entre ordem e comportamento, e para cimentar laços sociais com os dispositivos de controle que são as instituições.

Por esse motivo, Charaudeau acrescentou às definições de Castoriadis que:

> O imaginário não pode não pretender testemunhar uma verdade e que, consequentemente, todo imaginário é um imaginário de verdade que essencializa a percepção do mundo em um saber (provisoriamente) absoluto, isto é, a dimensão social do imaginário é variável devido à extensão maior ou menor do grupo, o conjunto de comparação entre os grupos, e a memória coletiva do grupo que é construída através da história. Assim, o imaginário resulta de uma dupla interação: do homem com o mundo, do homem com o homem. (CHARAUDEAU, 2008, p. 205).

Para o autor, essa dupla intenção produz atos subentendidos, em que gestos, representações e práticas se misturam e se instruem mutuamente. Esse fato nos leva a pensar que os imaginários não sejam todos conscientes. Alguns podem ser definidos como discursos-textos que circulam nas instituições (como na religião, nas escolas, entre outros) com fins identitários. Outros circulam nos grupos sociais de maneira inconsciente e podem ser encontrados em julgamentos implícitos, maneiras de falar e, como afirma Charaudeau, “funcionam de maneira natural, como uma evidência partilhada por todos” (2008, p.205).

[6] CASTORIADIS, apud CHARAUDEAU, 2008, p. 204.
[7] CASTORIADIS, apud CHARAUDEAU, 2008, p. 204.

O autor, entretanto, nos informa que, para que esses imaginários assumam um papel identitário, precisam estar materializados. Tal materialização acontece de maneiras diferentes, como, por exemplo, nos tipos de comportamento, nas atividades coletivas, na criação de símbolos.

Conforme Charaudeau (2008), essa materialização tem necessidade de racionalização discursiva, isto é, os grupos sociais produzem discursos que dão sentido a essas materializações. Alguns se fixam em textos escritos de maneira mais ou menos imutável, transmitidos de geração para geração, tais como as doutrinas religiosas, os manifestos literários, os manifestos políticos. Outros circulam sob configurações variáveis, ora mais estáveis (como os provérbios, as máximas e os ditados populares), ora menos estáveis (como as frases circunstanciais).

De acordo com o autor, esses textos são apresentados de maneira simples, porque devem ser compreendidos e podem desempenhar papéis de apelo, de acusação, de reivindicação, ou seja, podem funcionar como uma forma de discurso argumentativo. Consoante Charaudeau:

> Os imaginários sociodiscursivos circulam, portanto, em um espaço de interdiscursividade. Eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais. (2008, p.207)

Dessa maneira, pode-se dizer que o imaginário é formado pelos discursos que circulam pelos grupos sociais.

1.1.4 Estereótipos e imaginário

Os imaginários circulam pela sociedade e, dada a grande quantidade dos membros, geram um julgamento compartilhado, assumindo uma função identitária. Isso significa dizer que as identidades construídas estão diretamente ligadas às práticas discursivas. Muitas dessas identidades ou representações tornam-se cristalizadas pela convenção social, o que as aproxima do conceito de “estereótipo”.

Segundo Charaudeau (2007), percebe-se também que a sociedade utiliza uma série de palavras de mesmo campo semântico, isto é, palavras que têm um traço em comum e que, ditas várias vezes, demonstram uma recorrência e descrevem uma caracterização simplista e generalizada. É o que acontece com termos como “crenças”, “preconceitos”, “estereótipos”, entre outras.

Cabe lembrar que o termo “estereótipo” pode assumir uma conotação benéfica, mas também pode ser pejorativa e nociva, o que remeteria uma generalização sem fundamento.

Há, também, a possibilidade, com o “estereótipo”, de se dizer algo falso e verdadeiro ao mesmo tempo. Para Charaudeau (2007), qualquer opinião sobre o outro pode ser reveladora de nós mesmos. Quando se diz alguma coisa a fim de dissuadir o outro, ao mesmo tempo revela-se alguma coisa verdadeira sobre nós mesmos, por isso ocorre ambiguidade no uso dessa noção.

Pela visão de Patrick Charaudeau da A.D[8], essa é uma função positiva, porque estabelece o vínculo social, ou seja, os “estereótipos” ajudam na identificação de certos julgamentos sociais. Por outro lado, também é negativa, pelos aspectos contidos neles. No conceito de “estereótipo” estão envolvidos a relação da linguagem com a realidade e o lugar que é dado para o fenômeno das representações sociais.

Sendo assim, pode-se entender que o conceito de “estereótipo” se insere na problemática das representações sociais e dos imaginários sociodiscursivos dos sujeitos, porque eles possuem uma função de constituir os saberes partilhados entre os sujeitos.

Conforme Charaudeau (2008), o termo “imaginário”, assim como o termo “estereótipo”, são um problema, não só devido ao uso comum, mas também pela forma como são utilizados normalmente. Assim, no uso comum o termo imaginário é associado a noções de mito, lenda, ficção, “irreal”, “ilusório”, “falso”, entre outros, e muitas vezes, carrega valores negativos.

[8] Análise do Discurso.

É na linha da Antropologia que autor define a noção de imaginário da A.D. De acordo com ele, a Antropologia "qui considère les rituels sociaux, les mythes et les légendes comme des discours qui témoignent de l'organisation des sociétés humaines" (CHARAUDEAU, 2007.)[9]

Por fim, a proposta do autor é livrar-se da noção de "estereótipo", que, uma vez detectável, demonstra apenas o apego pela verdade que não está provada, e desse modo seria falsa. O imaginário não é verdadeiro ou falso. É uma proposta de visão de mundo baseada no conhecimento que constrói sistemas de pensamento. Seu papel é ver como a imaginação aparece, como ela se encaixa na situação comunicativa e que visão de mundo ela testemunha.

1.2 Imaginários, crenças e atitudes na obra de outros autores

Durante a realização deste estudo, observou-se que alguns autores trabalham várias questões que poderiam complementar e/ou ampliar os escritos de Patrick Charaudeau, e que auxiliariam a análise a ser realizada posteriormente. Tais questões apresentam traços em comum com o conceito de imaginário sociodiscursivo, tais como os imaginários sociais, as crenças, as atitudes, as representações sociais, entre outros.

Para Charaudeau, os saberes de crença circulam na sociedade e se configuram em imaginários sociodiscursivos. São chamados de sociodiscursivo, por circularem no interior de determinado grupo social. O autor informa que o imaginário é uma forma de apreensão do mundo e constrói significação dos objetos do mundo, dos fenômenos que nele se produzem, dos sujeitos e do seu comportamento, transformando-o em real significante. Por conseguinte, o imaginário resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional e tem duas funções: justificar as ações humanas e criar valores.

[9] O trecho correspondente na tradução é: "que considera os rituais sociais, os mitos e as lendas como discursos que permitem identificar a organização das sociedades humanas". Disponível em: http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les,98.html

Com algumas diferenças, porém dentro da mesma questão, Anne-Marie Houdebine-Gravaud (2002) aborda o assunto a partir do conceito de imaginário linguísticos, definido como

> rapport du sujet à la langue, la sienne et celle de la communauté qui l'intègre comme sujet parlant-sujet social ou dans laquelle il désire être intégré, par laquelle il désire être identifié par et dans sa parole; rapport énonçable en termes d'images, participant des représentations, sociales et subjectives, autrement dit, d'une part des idéologies (versant social) et d'autre part des imaginaires (versant plus subjectf). (2002, p.10)[10]

Houdebine-Gravaud (2002) nos informa, também, que o termo imaginário, dada a sua polissemia, pode ser caracterizado por atitudes e representações.

Dessa forma, entende-se que o sujeito se relaciona com a língua e deseja ser integrado e identificado com um grupo social. Assim, pode-se depreender que a atitude sobre a língua assumida pelo falante resulta na noção de identidade.

Para Bock (1999), a noção de identidade implica na "produção do sujeito, que lhe permite apresentar-se ao mundo e reconhecer-se com alguém" (p.203). Segundo Charaudeau (2009)[11], "a identidade discursiva tem a particularidade de ser construída pelo sujeito falante".

Um traço que define a identidade de um grupo é a variedade linguística, porque qualquer atitude relacionada aos grupos sociais com determinada identidade pode ser, na realidade, uma reação às variações linguísticas existentes.

Em relação às atitudes e crenças, Fraga (2009) afirma que as atitudes e crenças têm uma relação estreita. Para Santos (1996), "crença" refere-se à existência de um conceito ou objeto e às "atitudes" relaciona-se uma avaliação positiva ou negativa referente a um conceito ou objeto.

Com base nesses autores, visa-se, portanto, no presente estudo, analisar as atitudes e crenças sobre o vocativo "nem", elemento de um dialeto social estigmatizado da cidade do Rio de Janeiro. Para isso, levamos em consideração que o sujeito se relaciona com a língua e deseja ser integrado a um grupo social e identificado como participante desse grupo. E, dentro desse grupo, muitas vezes

[10] O trecho correspondente na tradução é: "a relação do sujeito com a língua – a sua e a da comunidade que o integra como sujeito falante – sujeito social ou na qual ele deseja ser integrado, pela qual ele deseja ser identificado por e na sua fala; relação enunciável em termos de imagens, que participam das representações, sociais e subjetivas; dito de outra forma, por um lado das ideologias (vertente social) e por outro lado dos imaginários (vertente mais subjetiva)".

[11] Disponível em : http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html

circulam certas crenças, propagadas pela sociedade, muitas vezes de maneira inconsciente. Esse conjunto de crenças que podemos chamar de imaginário.

2 O VOCATIVO “NEM” E AS REDES SOCIAIS: O PERCURSO DA PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo analisar o *corpus*, ou seja, descrevê-lo e comentá-lo.

Observando que os alunos estão cada vez mais conectados, notamos que muitos deles frequentam sites de relacionamento social.

Nas redes de relacionamento virtuais e blogs, muitas opiniões referentes aos mais diversos temas são expressas, inclusive sobre a língua materna. Encontram-se na rede desde dicas gramaticais, até comentários pejorativos em relação a alguns usos e usuários da língua.

Nesses locais virtuais, em geral, encontramos um ambiente “livre”, no qual os jovens e os adultos podem expor suas opiniões sem medo do julgamento do grupo. Fazendo isso, de certa forma se inserem ou selecionam os membros do seu grupo social e acabam por ganhar uma identidade social. É desse modo que diversos grupos são formados.

Buscou-se neste estudo abordar o grupo que geralmente utiliza a variedade prestigiosa da língua, indivíduos que pensam e divulgam ideias afins sobre a língua portuguesa tanto no discurso oral, quanto no escrito. Também emitem juízo de valor que não se restringem somente ao uso da língua, mas estendem-se também ao falante.

Convém, para fim de esclarecimento, uma pequena introdução sobre algumas nomenclaturas e conceitos que serão citados no decorrer deste texto.

Sabe-se que a língua não é estática, varia no tempo, no espaço e nas diversas situações comunicativas, bem como não é utilizada de modo homogêneo. É notório que a língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, de sexo para sexo, de idade para idade e assim por diante. Pode-se, inclusive, afirmar que “cada uma dessas ‘línguas’ é uma variedade do português” (OLIVEIRA, 2004).

Embora todos os brasileiros, por pertencerem à mesma comunidade linguística, falem a mesma *língua*, não utilizam o mesmo *código*. Em princípio, cada código, com seus elementos e regras, pode ser considerado uma variedade da língua. Dependendo da situação, uma a pessoa pode utilizar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Existem três tipos de variedade da língua: as variedades diacrônicas, os registros (ou estilos) e os dialetos. A variação diacrônica é aquela percebida ao longo das gerações, ou seja, é a variação ou evolução da língua ao longo dos tempos. Os registros são variações que dependem do grau de formalismo ou da modalidade (oral ou escrita) usada, ou seja, variam em função dos usos da língua. Assim, um indivíduo pode ser formal agora e logo depois ser informal, dependendo da situação comunicativa. Já os dialetos variam em função do usuário da língua, ou seja, variam em função das características que se traduzem em fatores como o local de nascimento, a profissão que exercem, a faixa etária, o nível de escolaridade ou a classe social a qual pertencem.

Vale destacar, de acordo com Oliveira (2004), que “o mesmo indivíduo pode servir-se de mais de um registro, mas utiliza um único dialeto”.

Ainda consoante o autor, “há no mínimo quatro graus de formalidade (registros) no português do Brasil: o ultraformal, o formal, o semiformal e o informal” (OLIVEIRA, 1999). Diversos fatores podem influenciar na escolha do registro, como o grau de formalidade da situação, a modalidade da língua (oral ou escrita), o *status* do falante e do ouvinte, entre outros.

De acordo com Oliveira (1999):

> Além do grau de formalidade, outros fatores interferem na escolha do tipo de linguagem adequado a cada situação, a saber, o *status* dos interlocutores, o local, o assunto, o gênero textual (o que é virtude num gênero pode ser defeito em outro), a modalidade escrita ou oral e a natureza **monolocutiva** ou **interlocutiva**, privada ou pública etc. da comunicação. O princípio geral, porém, é sempre o mesmo: o da adequação. (OLIVEIRA, 1999)

Alguns utilizam como sinônimo de informal o termo coloquial. Para Oliveira (2006), essa sinonímia é aceitável. Quanto aos dialetos, podemos classificá-los em etários, de sexo, geográficos, sociais. Há quem utilize o termo “dialeto” com outro sentido, o de uma língua regional, por oposição à língua propriamente dita, que é nacional.

Oliveira (2004) afirma também que, “embora existam ‘várias’ línguas portuguesas como código, há somente um português como instituição social”. Na escola somos estimulados a utilizar, na forma escrita, a língua padrão*,* porém, em situações normais de conversação, percebemos uma flexibilização na fala.

A *Língua Padrão* caracteriza-se, como a variedade prestigiosa da língua, devido a sua natureza formal e suprarregional. Oliveira (2004) afirma que o caráter suprarregional da língua "consiste em indivíduos de diferentes regiões do Brasil usarem a mesma variedade do português na comunicação formal escrita, embora empreguem dialetos geográficos diferentes na comunicação informal do dia a dia".

As variedades "cultas", que podem ser formais ou informais, são adotadas por pessoas de elevado nível de instrução. Por esse motivo, entendem-se como prestigiosos os dialetos sociais de falantes com determinado grau de escolaridade.

Em Bortoni-Ricardo (2005) encontramos que:

> a língua padrão relacionada a classe ou a *status* é definida como variedade de fala que tem maior prestígio, independentemente do contexto, e que caracteriza um grupo social, geralmente o de *status* socioeconômico e cultural mais alto. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.26)

De acordo com o Dicionário Hauaiss[12] (2009), o vocábulo "prestígio" pode ser definido como: "valor sociocultural positivo atribuído a uma coisa, a um indivíduo ou a um grupo, que faz com que estes se imponham aos demais, os quais adotam uma atitude de subordinação". Assim, percebe-se que pessoas que utilizam a língua padrão desfrutam de prestigio social. Segundo Bortoni-Ricardo (2005):

> No Brasil, a língua padrão é associada ao grupo social que goza de melhor *status*. Quaisquer desvios do padrão real tendem a receber avaliação negativa, que varia em grau, a depender de os traços determinarem uma estratificação gradual ou descontínua. (BORTONI-RICARDO 2005, p.29)

Desse modo, os falantes das variedades desprestigiadas da língua podem sofrer preconceito por parte dos membros da comunidade que utilizam a variedade de prestígio. Essa situação pode ocasionar uma recorrência de atitudes depreciativas e levar tais julgamentos a serem compartilhados por certos grupos da sociedade.

O registro não está isento de esbarrar em preconceitos, mas de forma menos intensa do que pode ocorrer com o dialeto social. As questões ideológicas inseridas

[12] Dicionário Houaiss por D. Houaiss.

nesse conceito acabam envolvendo, de acordo com Oliveira (2011), “aspectos tensos da vida humana, como prestígio, poder, exclusão social etc.”.

2.1 Descrição do *CORPUS*

Este trabalho baseia-se em um *corpus* prévio, fruto de uma pesquisa anterior intitulada “O imaginário Linguístico no Orkut”, que serviu como monografia de um curso da pós-graduação *Lato Senso*[13]*.* Foi necessário, porém, proceder a um recorte desse material prévio para que se harmonizasse com os limites e os interesses do presente estudo.

Ficou estabelecido, portanto, que este trabalho se restringiria ao emprego do vocativo “nem”, item lexical não dicionarizado, pertencente a um dialeto social estigmatizado da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma forma de tratamento e é variante do vocábulo “neném”.

Pode-se dizer que esse vocativo se insere no que Tarallo (1986) denomina “variante inovadora”. Tal variante encontra-se em oposição à variante de prestígio. Para o autor, “as variantes inovadoras (...) são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade” (1986, p.12).

Três razões justificaram a escolha do material de pesquisa. A primeira consistiu no fato de o termo ter chamado mais a atenção entre todos os relatos recolhidos para a pesquisa anterior, dado o juízo de valor a respeito de uma expressão coloquial; a segunda se relacionou ao tempo previsto para a realização deste trabalho, que nos impede de analisar um *corpus* mais extenso; a terceira foi a constatação dos poucos trabalhos de Análise do Discurso com ênfase em sociolinguística, ou seja, do chamado imaginário linguístico, encontrados na área de Letras.

Tais elementos foram essenciais para nortear a pesquisa, porque, além do *corpus* inicial, foram pesquisados outros relatos encontrados em outras fontes, como ferramentas de comunicação (blogs), programas televisivos, fatos ocorridos

[13] TEIXEIRA, Eni Ferreira. *O imaginário linguístico no Orkut*. Monografia de conclusão do curso de Pós-graduação Especialização em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras. Rio de Janeiro: UERJ, mimeo, 2010.

ocasionalmente em conversas, exemplos orais recolhidos no dia a dia e até mesmo em conversas com os alunos em sala de aula.

O vocativo “nem” provoca especial interesse, porque os falantes que o utilizam são julgados depreciativamente. Além disso, os usuários que utilizam a variedade da língua prestigiada socialmente o rejeitam de tal forma, que só a empregam para referir-se de maneira pejorativa aos que a utilizam, estigmatizando-os.

2.2 Atitudes, crenças e o vocativo “Nem”

2.2.1 O vocativo “Nem” como objeto de estudo

Por todos os aspectos já citados, considerou-se o vocativo “nem” como objeto deste estudo. A princípio aproveitou-se o recorte de *corpus* anterior, porém, como hoje em dia, em função dos avanços tecnológicos, os gostos mudam muito rapidamente, foi identificado que a rede social de relacionamentos em que o material para a análise foi inicialmente recolhido (Orkut), começou a ser rejeitada socialmente pelos falantes das variedades mais prestigiosas da língua, tornou-se necessária à busca por outros caminhos.

Então, para que a pesquisa fosse o mais atualizada possível, houve a necessidade de uma complementação do *corpus*. Foi preciso, também, verificar se o estigma em relação ao vocativo analisado permanecia o mesmo, se se havia aprofundado ou se até havia sido extinto. Dessa forma, foram recolhidos relatos em relação ao objeto de pesquisa em outro site de relacionamento social, considerado pelos membros do grupo analisado como típico de um *status* social mais alto, e ferramentas de comunicação (blogs). Por outro lado foram descartadas todas as opiniões consideradas irrelevantes para a pesquisa, como por exemplo, discussões teóricas sobre variação linguística.

A questão sobre o vocativo “nem” ficou tão evidente, que se encontrou material sobre o *corpus* até na mídia televisiva e jornalística. Da mídia televisiva analisamos um programa levado ao ar no início do ano de 2012, na rede Globo de

televisão, cuja temática era justamente o vocativo “nem”. O sucesso do programa fez com que o vocativo ficasse conhecido em todo o território nacional.

Além do material encontrado para a pesquisa, também foram aproveitadas algumas experiências pessoais sobre o tema, tanto em sala de aula, quanto em conversas com amigos. Após essa seleção, o *corpus* mostrou-se condizente com o propósito do estudo.

As redes de relacionamento social mostraram ser um bom espaço para os propósitos metodológicos de seleção de *corpus*, porque, nela, o pesquisador, consegue coletar uma vasta quantidade de material sem que interfira na naturalidade do processo de comunicação[14].

Além disso, percebeu-se que a internet possibilitou grandes mudanças na sociedade. Dentre as mais significativas, pode-se destacar a possibilidade de expressão e socialização a partir das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador. Assim, os atores envolvidos na situação de comunicação constroem redes de relacionamento, interagem e se comunicam com outros atores.

Observa-se que as experiências particulares de cada ator foram fundamentais para o entendimento da carga de valores internalizada nas opiniões. Assim, considerou-se também que no relato dessas experiências foi conseguida uma situação ideal, aquela almejada pelo pesquisador, porque não houve interferência de fatores externos nos relatos. Somente em um desses relatos o sujeito sabia do que tratava a pesquisa e, dada a sua profissão, emitiu uma opinião não esperada pelo pesquisador. Tal situação será comentada mais adiante.

2.2.2 Objetivos da pesquisa sobre o vocativo “Nem”

Após as escolhas para o recorte do material elencado, faltava ainda delimitar que entrada(s) linguística(s) seria(m) produtiva(s) para explicitar o interesse do material para o debate em questão.

[14] Uma forma de coletar material para a pesquisa sem interferir no processo de comunicação, seria assumir o papel de um pesquisador-observador, ou seja, aquele que não participa diretamente da situação de comunicação (Tarallo, 1986). Nesse tipo de pesquisa o pesquisador coleta os dados sem a necessidade de entrevistas orais ou escritas.

A decisão de uma análise de conteúdo levou em conta três fatores inter-relacionados: os objetivos da pesquisa, a natureza do material selecionado e o quadro teórico. O material selecionado é composto de opiniões a respeito do vocativo “nem”.

O objetivo desse estudo é descrever as atitudes e crenças sobre esse vocativo em membros de um grupo que se utiliza de uma variedade mais prestigiosa da língua com base em opiniões recolhidas em sites de relacionamentos e blogs, ferramentas de comunicação, verificando que tipo de imaginário sociodiscursivo circulava no(s) grupo(s) envolvido(s), bem como verificar de que forma isso gera o preconceito linguístico, salientando o seguinte ponto:

- verificar, a partir das atitudes e crenças dos sujeitos, sobre quais eram os pré-julgamentos que circulavam no seu imaginário;

A análise partiu da hipótese de que:

- o uso e a rejeição de tal expressão é condição para que o falante pertença a determinado grupo social.

Assim, buscaram-se, de início, entradas de análise que permitissem identificar pistas linguísticas relevantes em função do quadro teórico.

Decidiu-se então trabalhar com o conceito de imaginário sociodiscursivo, evitando-se o conceito de ideologia, porque não se pretendia ingressar pelo eixo da luta de classes e, consequentemente, buscar outros referenciais teóricos não abordados pelos autores utilizados como base do estudo.

Dessa forma, optou-se por utilizar o conceito de imaginário sociodiscursivo, estudado por Patrick Charaudeau (2008), como base para a pesquisa. O autor propõe a utilização desse conceito como forma de descrever os saberes partilhados explícita e implicitamente pelos participantes do ato de linguagem.

2.3 O vocativo “Nem”

Todos os comentários e opiniões encontrados na pesquisa fazem parte de uma coletânea de opiniões referentes ao vocativo “nem”[15]. O termo é típico de um dialeto social da cidade do Rio de Janeiro e é oriundo dos falares das classes consideradas socialmente mais “baixas”, que são estigmatizadas socialmente. O vocábulo é uma forma de tratamento afetivo correspondente a “querida(o)”, por ser a abreviatura de “neném”.

Esse vocativo é tipicamente urbano, ou seja, pode-se dizer que faz parte de uma Língua Urbana. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005):

> Língua Urbana é uma denominação genérica que inclui as diversas modalidades estratificadas da língua, usadas na zonas urbanas, na fala e na escrita. Tais modalidades, que dependem da classe social, da profissão, da zona de residência e, principalmente, do grau de escolaridade dos indivíduos, vão desde as variedades populares que se aproximam muito dos vernáculos[16], até a variedade culta, empregada pelas pessoas de nível alto de escolarização e pelos meios de comunicação de massa, que segue aproximadamente os preceitos da gramática normativa. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 35)

Dessa maneira, pode-se dizer que o vocativo “nem” é uma forma linguística estigmatizada pelos membros de um grupo social que utilizam dialetos sociais mais prestigiosos, geralmente mais conservadoras.

2.3.1 As redes sociais e o vocativo “Nem”

2.3.1.1 Orkut e as crenças em relação ao vocativo “Nem”

O *corpus* inicial, como mencionado anteriormente, foi retirado da rede social de relacionamento Orkut. A rede social *online* foi criada por Orkut Büyükkokten, um turco que trabalhava na empresa Google e estudava na Universidade de Stanford, a

[15] Até o momento não foram encontradas pesquisas referentes ao vocativo “nem”.

[16] Vernáculos são as variedades-rurais que apresentam características especiais na fonética, na morfossintaxe e no léxico. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.35)

partir de uma versão, chamada Club Nexus[17], desenvolvida em 2001, com o intuito de promover o encontro dos internautas com velhos amigos, procurar parceiros ou simplesmente arrumar um emprego. A empresa Google comprou o sistema e o resultado foi batizado com o nome do seu criador. O site foi ao ar em 24 de janeiro de 2004.

De acordo com Recuero (2009), o Orkut

> combinava diversas características de sites de redes sociais anteriores (como a criação de perfis focados no interesse, a criação de comunidades e, mesmo, a mostra dos membros da rede social de cada ator). (RECUERO, 2009, p.167)

A princípio, o sistema era uma espécie de clube fechado, que permitia o cadastro a partir de um convite enviado, via *e-mail*, por outro ator que já estivesse cadastrado. Segundo Recuero (2009, p.167), "essa característica do convite acabou valorizando a entrada de atores, inclusive com a venda de convites por um famoso site de compras americano".

Como a procura foi muito grande, a empresa resolveu liberar os acessos de forma que qualquer usuário cadastrado pudesse participar.

Hoje, o Orkut é um dos sites mais visitados da internet, com presença global em mais de 20 países e, até há algum tempo, seus maiores mercados eram o Brasil, a Índia e, em menor intensidade, os EUA. Enquanto outras redes de relacionamento faziam sucesso no resto do mundo, o Orkut era o mais popular no Brasil. Sua popularidade era tão grande, que a empresa Google, de origem americana, resolveu abrir um escritório no país para resolver todos os problemas ligados à versão brasileira.

Segundo Recuero (2009):

> O Orkut funciona basicamente através de perfis e comunidades. Os perfis são criados pelas pessoas ao se cadastrar, que indicam também quem são seus amigos (onde aparece a rede social conectada ao ator). As comunidades são criadas pelos indivíduos e podem agregar grupos, funcionando como fóruns, com tópicos (nova pasta de assunto) e mensagens (que ficam dentro da pasta do assunto). (RECUERO, 2009, p.167)

[17] De acordo com Hampell o Clube Nexus foi um sistema desenvolvido na Universidade de Stanford em 2001 e foi projetado para auxiliar os estudantes de comunicação.

Assim, ao se cadastrar na rede, o usuário cria um perfil com foto e informações sobre preferências pessoais, idade, escolaridade, religião entre outros. Os usuários também podem se associar em comunidades que tratam de assuntos diversos como: gostar de determinado restaurante, ter a mesma profissão, frequentar um lugar incomum, morar na mesma localidade entre outras.

Os usuários, por sua vez, podem trocar ideias, ou seja, tecer comentários ou elaborar perguntas a partir de tópicos. Consequentemente, todos eles podem expor o que pensam e o que sabem.

Recuero (2009, p.220) nos informa que as redes de relacionamento podem ser definidas como "um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações sociais)". Ainda de acordo com a autora, uma rede "é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre diversos atores". Assim, pode-se dizer que a abordagem da rede tem seu foco na estrutura social, em que não é possível isolar nem os atores sociais, nem suas conexões.

Na internet esses atores são percebidos, por exemplo, por um perfil do Orkut. É importante frisar que a ferramenta Orkut é um espaço de interação, ou seja, lugares de fala construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade.

Dessa forma, há, nessa ferramenta, uma característica da expressão pessoal ou pessoalizada na internet. Por conseguinte, pode-se dizer que há um processo permanente de construção e expressão de identidade por parte dos atores.

Consoante Recuero:

> A apropriação de espaços, como perfis em softwares como Orkut, funcionam como uma presença do 'eu' no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. Assim, de acordo com a mesma "essa individualização dessa expressão, de alguém, "que fala" através desse espaço é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet. (RECUERO, 2009, p.26)

A construção pessoalizada é visível em muitos elementos utilizados no ciberespaço. Nos perfis do Orkut, por exemplo, é clara a individualização e a construção pessoal de cada página, porque ali são expostos os sentimentos dos atores. A própria apropriação das comunidades como elementos de identificação mostra esse caráter pessoal da expressão. Assim, segundo Recuero, "perfis do Orkut, weblog, fotolog, etc. são pistas de um "eu" que poderá ser percebido pelos

demais. São construções plurais de um sujeito, representado múltiplas facetas de sua identidade" (2009, p.29).

Em contrapartida, as conexões de uma rede são constituídas por laços sociais, formados na interação social entre os atores. Essas conexões são percebidas porque rastros sociais dos indivíduos permanecem ali. Dessa forma, um comentário em um site pode ser considerado um exemplo, porque se mantém naquela estrutura até que alguém apague o comentário ou o site saia do ar. Para Recuero (2009, p. 30) "essas interações são, de certo modo, fadadas a permanecer no ciberespaço, permitindo ao pesquisador a percepção das trocas sociais mesmo distantes, no tempo e no espaço, de onde foram realizadas".

Sendo assim, foi observado que cada usuário escolhe uma comunidade do Orkut para ingressar, sabendo exatamente quais são os objetivos das discussões do tópico. Cada membro que ingressa no grupo se encaixa, portanto, no perfil que a comunidade estipula como padrão para o ingresso. Pode-se dizer que cada comunidade no Orkut segue um contrato de comunicação. Tal conceito foi estudado por Patrick Charaudeau conforme veremos a seguir.

Para um ato de linguagem ser bem sucedido, o sujeito comunicante fará uso de contratos e estratégias. Charaudeau (2009) explica que o contrato pressupõe que indivíduos que pertençam ao mesmo conjunto de práticas sociais são passíveis de receber impressões sobre as representações linguageiras dessas práticas. Da mesma forma, o autor diz que a noção de estratégia trabalha com a hipótese de que o sujeito-comunicante

> concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados efeitos - de persuasão ou de sedução – sobre o sujeito interpretante, para levá-lo a se identificar – de modo consciente ou não – com o sujeito destinatário ideal construído pelo sujeito-comunicante (CHARAUDEAU, 2009, p.44).

Em nosso discurso não podemos falar o que bem entendemos. Os atos de linguagem estão inseridos, de acordo com Oliveira (2003), "dentro de um quadro de restrições e liberdades, nos limites do qual nos movimentamos. Essas restrições e liberdades podem ser da língua propriamente dita ou do comportamento linguístico" (OLIVEIRA, 2003, p.34). Assim, os contratos de comunicação da nossa vida em sociedade permitem que tenhamos certos comportamentos e nos impedem outros.

Logo, podemos deduzir que o comportamento linguístico obedece a certas regras. Esse conjunto de restrições e liberdades constitui um contrato de comunicação. Assim, “um contrato de comunicação pressupõe sempre determinada situação comunicativa” (OLIVEIRA, 2003, p.34). Para Charaudeau e Maingueneau:

> O termo contrato de comunicação é empregado pelos semioticistas, psicossociólogos da linguagem e analistas do discurso para designar o que faz com que o ato de comunicação seja reconhecido como *válido* do ponto de vista do sentido. É a condição para os parceiros de ato de linguagem se compreenderem minimamente e poderem interagir, co-construindo o sentido, que é a meta essencial de qualquer ato de comunicação. (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008, p.130)

Toda essa situação, entretanto, pode ser mal recebida pelo sujeito interpretante, que pode detectar e interpretar a mesma situação à sua maneira.

Assim, podemos observar uma estrutura organizada em que todos os usuários, ao ingressarem na comunidade, já sabem o que vão discutir nos tópicos daquela página. Ou seja, seguem o contrato de comunicação da comunidade.

Dessa forma, levando-se em consideração que os envolvidos no diálogo não estão presentes fisicamente, a comunicação estabelecida pode tanto funcionar de maneira não instantânea, na em medida em que a resposta não é dada de forma imediata, quanto instantânea, pois nada impede que um usuário, que esteja on line, responda o comentário instantaneamente.

Devido às condições expressas anteriormente, foram selecionadas algumas opiniões sobre o vocativo “Nem” em comunidades relacionadas ao tema. Esses relatos, de maneira geral, expressam a opinião da maioria dos usuários que responderam ao tópico.

Na comunidade intitulada “Eu odeio que me chame de NEM”[18], composta por 6.253 membros, até o momento da consulta, *04/08/2010*, foram recolhidas algumas opiniões[19] sobre o assunto. Em um dos tópicos, um membro resolveu colocar uma pergunta e esperava que os outros respondessem. A pergunta foi a seguinte:

[18] Disponível em: http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1205639

[19] Os relatos apresentados na pesquisa são de usuários da língua que se consideram falantes da variedade prestigiosa da língua. Esse fato pôde verificado dada a condição de status de quem possuía um perfil no Orkut.

1. oke vc fala quando te xhamam d nem?

As respostas consideradas relevantes foram:

2. ai pára cun isso, coisa de gente falsa

3. faaaaaala coleega ! hãn ?? não ouvii ! o que você queer ? um chicrete ? aaaaaaaaaf , que coisa mais de favelado , chamar os outros de néein ! Ps. gente , eu só não sei o que eu falariia se uma pessoa que é favelada de verdade (que morasse na favela e tudo) chegasse pra mim e me chamasse de néin , isso nunca aconteceeu , e eu espero que nunca aconteça ! UHAUAHUAHAUH' (grifo do autor)

5. Para com isso seu favelado , nem ? Nem te conheço =)

6. Eu digo ..Ah! para não me chama de nem não que eu detesto, me chama pelo meu nome que é melhor ! coisa de favelado isso .. aff..

Inicialmente, é importante salientar que, pelo nome da comunidade, é impossível que alguém se torne membro sem saber o que é discutido nos tópicos. Observou-se, também, que o usuário fez uma pergunta capciosa e, de certa forma, as respostas dadas à pergunta já eram esperadas.

De maneira geral, os usuários tiveram a mesma opinião: tratar o outro por "nem" era "coisa de favelado" ou "coisa de gente falsa". Todos os membros expressaram sua insatisfação com a forma de tratamento "nem".

Uma atitude curiosa foi observada no relato 3. O usuário mostrou-se preconceituoso em relação às pessoas das classes mais baixas. Isso pode ser constatado nos trechos *"o que você queer? um chicrete"*. No Brasil, principalmente nas comunidades consideradas socialmente mais "baixas", é observável o rotacismo[20]. De acordo com o DICIONÁRIO HAUAISS (2009), rotacismo é uma "mudança fonética que consiste na substituição de som, especialmente o [l] ou uma sibilante sonora, pelo [r] alveolar".

Voltando novamente ao relato 3, o que nos chama a atenção é que o falante jamais foi tratado pelo vocativo e, mesmo assim, não gosta. Por fim, ele se mostra

[20] Consoante Mollica e Braga (2012, p. 76), "Sincronicamente, pode-se afirmar que a variação ocorre em qualquer dialeto urbano do português brasileiro (...) e é fortemente estigmatizada".

assustado ao pensar em um possível encontro com uma pessoa de classe mais baixa. Essa atitude está ancorada em uma crença antiga de que todos os que moram em favelas são bandidos.

Na comunidade “não me chame de nem” [21], composta por 24.153 membros até o momento da consulta em 19/08/2010, observou-se uma situação semelhante de pergunta/resposta. Um membro fez uma pergunta e esperava respostas compatíveis com o contrato de comunicação da comunidade. A questão foi a seguinte:

8 - Ser chamado de nem é carinho ou deboche?

Para esses comentários foram selecionadas as seguintes respostas que, de maneira geral, refletem as opiniões do restante da comunidade:

9. De repente é o jeito da pessoa falar.....mas eu não gosto.. =P

10. pras outras pessoas é carinho, mas eu considero como deboche por que é ridículo

11.CARINHO. Apesar de odiar este termo, eu percebo q as pessoas fazem como forma carinhosa de tratamento e qdo é em lj eles acham q tão tratando bem a sua clientela, q assim conkistará o (a) fregues(a)!...rs

12. Pra mim, já caiu na raia do engraçado. Eu começo a rir e chamo também. Tô NEM aí!!!

13. Deboche !

21. Depende. Tem algumas localidades aqui no Rio (comunidades) q o pessoal está acostumado a falar assim... vira um vício (muito feio por sinal) ... mas eu tenho um amigo q só pq as pessoas nao gostam a gente se trata assim... Ohhh Nénnn qué Cocrete?? (Isso é deboche) Mas se não vigiar vira mania...rs

24. Para mim é uma estratégia para não confundir os nomes, ou seja, são pessoas que "ficam" com um hoje, outro amanhã ou vários no mesmo dia e "nem" se dão ao trabalho de decorar nomes.

[21] Disponível em: http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=913176

27. <u>Coisa de pobre</u>
Pra mim isso é coisa de pobre e favelado... (grifo do autor)

*28 - **Não é bem coisa de pobre...**Puxa vida, eu me perguntava se era apenas mais uma de minhas manias ou apenas ojeriza a esta forma de tratamento. Porém, pelo que vejo, não sou somente eu que sofro deste mal... até minha amiga Tatiana, cara!!! Tudo bem que a gente tem um bocado de coisa em comum, mas isso eu não sabia. Não vou ser xiita nem segregacionista ao afirmar que é coisa de pobre, até mesmo porque rico eu não sou. Tudo bem que a larga maioria de pessoas que conheço (e que não conheço também) que usam esta... hum, digamos... "forma de tratamento" pertencem à camadas menos favorecidas da sociedade, porém também conheço gente que possui um padrão de vida um pouco mais confortável que também ADORA chamar os outros disso... Não sei se é uma tentativa de desenvolver alguma intimidade com a pessoa, ou se ela esqueceu o teu nome, ou até porque ela simplesmente goste de falar assim (fazer o quê,ué?), só sei que realmente é extremamente irritante. O que mais me intriga é que eu só vejo MULHERES usando este termo. Homem mesmo (gays não contam!), que eu conheça, nunca ouvi sequer pronunciar... Isto posto, passo a concluir que é COISA DE MULHER, não é bem de pobre não... (rsrsrsrs). (grifo do autor)*

29. Coisa de P...Essa coisa de "NÉM" é bem típico daquelas mulheres que ficam nas "Casas de Tolerâncias", vcs entenderam, né? hehehe...

*30. Apenas lembro que meu nome é Lorena...ou se for uma pessoa q nao é do meu convivo...eu informo que meu nome é Lorena...Eu sempre ouvi falar que os homens que têm muitas mulheres chama de ném para nao confundir os nomes...Até pode ser...se meu namorado me chamar de ném..eu falou q ném é a p**** que pariu...Mulher chamando de nem é chato, sei lá...Sinal de pobreza nao...porq todo pobre tem um nome...eu vejo como sendo uma mania...uma mania muito da sem graça...ecaaaaaaaaaaaaa...*

32. eu acho que a ana paula está certa, isso é coisa de pobre e favelado, eu odeio quando a pessoa me chama de nem, parece que aquela palavra fica horas na minha cabeça e eu fico com má impressão da pessoa, fico com raiva, sei lá, eu odeio e amei essa comunidade, pq axei que só eu que não gostava de ser chamada de nem!!

Observou-se que o usuário fez uma pergunta tal que, levando-se em consideração o “contrato” firmado no grupo, já se esperava esse tipo de resposta. Assim como nos outros exemplos, percebe-se a unanimidade nas respostas: o uso do vocativo “nem” é “coisa de favelado” ou “coisa de pobre”. Muitos consideraram o uso do vocativo como deboche e, de maneira geral, os usuários sabem que o seu uso indica uma forma carinhosa de tratamento, mas mesmo assim não toleram o seu uso.

Também foram observados relatos que estigmatizam seus usos e seus usuários, até mesmo tratando-os de forma pejorativa, o que pode ser constado nos relatos 12 e 29. Outro fato notado nesses relatos é a questão do preconceito ao rotacismo, mesma situação constada em exemplos anteriores.

Outro fato curioso é a relação que os membros da comunidade fazem estabelecem entre o uso do vocativo “nem” e a prática de uso repetitivo, ou seja, manias ou vícios. Dessa forma, independentemente de gostar ou não do uso, o que se constatou é que nenhum membro da comunidade aceita o uso do vocativo.

Uma forma interessante de relato é a relação entre o vocativo e os tipos de dialeto. No relato 12, o usuário liga o uso do termo a um dialeto profissional, já que os lojistas acham que o tratamento com o vocativo “nem” é uma forma de agradar o cliente e conquistar mais fregueses. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.48), “as atividades profissionais que um indivíduo desempenha também são um fator condicionante de seu repertório sociolinguístico”, porém, nesse caso do vocativo “Nem”, esse fator condicionante não se aplica, já que é uma expressão utilizada por diversas pessoas e não somente por comerciários.

No relato 28, encontra-se uma relação entre o uso do vocábulo e a questão do gênero, ou seja, o dialeto varia conforme o sexo. Isso se deve à crença de que o vocativo “nem” é de uso exclusivo das mulheres.

Esse fato não pode ser considerado como uma verdade, porque, embora seja um termo muito utilizado por mulheres, não é de uso exclusivo delas, já ouvimos muitos homens utilizando o termo, inclusive um trabalhador da UERJ[22].

Não há dúvidas de que existem variações entre os dialetos femininos e masculinos, e que tais diferenças estão diretamente relacionadas aos papéis sociais que cada um exerce. De acordo Bortoni-Ricardo,

> As mulheres costumam usar mais diminutivos: “Trouxe esta lembrancinha para você”; “é uma coisinha de nada”. Usam também mais partículas como “né?”, “tá?”, “tá bom?”, que são chamadas de *marcadores conversacionais* e que cumprem várias funções na conversa. No caso dos marcadores que são mais usados pelas mulheres, eles têm principalmente a função de obter aquiescência e concordância do interlocutor. A linguagem dos homens, por outro lado, é mais marcada pelos chamados palavrões e gírias mais chulas. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 47)

[22] Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Em se tratando, porém, do vocativo em questão, não podemos relacioná-lo ao uso diferenciado entre homens ou mulheres.

Outro relato que expressa uma opinião recorrente entre os usuários das comunidades é o de relacionar o uso do vocábulo a uma estratégia para não trocar o nome das pessoas, ou seja, o membro do grupo crê que o indivíduo que se relaciona socialmente com diversas pessoas nunca trocará o nome destas, por chamá-las todas elas de “nem”.

Como pudemos observar nos relatos anteriores, há diversas opiniões sobre o vocativo. Percebemos que a maioria dos relatos liga automaticamente o emprego do vocativo à condição social do usuário. Percebe-se, também, uma rejeição do termo, apesar de os usuários saberem que “nem” é uma forma de tratamento carinhosa.

Um fato interessante foi observado entre os anos de 2010 e 2011. Outra rede de relacionamentos sociais, o Facebook virou sinônimo de *status*, então percebeu-se uma “migração” das pessoas que utilizam a variante padrão da língua de uma rede social, Orkut, para outra, Facebook. E por mais curioso que isso possa parecer, quem pertencia ao Orkut, na cidade do Rio de Janeiro, além de estar “fora de moda”, era considerado “nem”. Essa nova forma de caracterizar a pessoa será comentada mais adiante.

2.3.1.2 A rejeição do “Nem” no Facebook

O Facebook é uma rede social criado por Mark Zuckerberg, aluno de Harvard, e seus amigos de quarto de Faculdade: Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. Originalmente era chamado “thefacebook” e tinha como foco os estudantes da Universidade de Harvard. Depois a rede foi expandida a outras faculdades na área de Boston e da Universidade de Stanford. Assim, o sistema focou em universidades e, para nele ingressar, era preciso ser membro de alguma instituição de ensino reconhecida.

Consoante Recuero (2004), o site foi gradualmente sendo aberto para alunos de várias outras universidades e, posteriormente, para alunos de escolas de ensino médio, até atingir a população americana em 2004. Hoje pode ser considerado o site

de relacionamento social com o maior número de usuários no mundo. Consoante Recuero,

> O foco inicial do Facebook era criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais. (RECUERO, 2009, p.172).

De acordo com a mesma autora, no Brasil seu uso estava restrito à camada da população com conhecimentos da língua inglesa, porque sua plataforma inicialmente era redigida nesse idioma. Depois, com o lançamento do filme que narra a história da rede, *A Rede Social* (*The Social Network*), em 2010, o número de usuários aumentou. Esse período coincidiu com a adoção da língua portuguesa nessa plataforma. O fato fez sucesso, conquistou o público brasileiro e aumentou consideravelmente o número de usuários na rede.

O Facebook, assim como o Orkut, funciona a partir de perfis[23] e comunidades com uma diferença, porém: todas as pessoas dessa rede de relacionamentos partilham suas opiniões e reflexões em um chamado "*feed* de notícias"[24]. No Orkut, diversamente, somente quem pertencia a determinada comunidade partilhava pensamentos afins. De acordo com Recuero (2009, p.172), "o sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros".

Outro fator que o diferencia é o sistema das comunidades. No Orkut o usuário entrava na comunidade para expor sua opinião, no Facebook[25] "a comunidade" funciona mais ou menos como o perfil de um usuário que publica determinado comentário e todos os outros usuários fazem parte da rede de amigos e que optaram por participar do grupo recebem a informação. A partir disso, os membros comentam o que pensam sobre determinado assunto.

---

[23]Consoante Strickland (2007) "O seu perfil do Facebook é a página web que outros membros verão se procurarem por você. Ele dá às pessoas uma idéia de quem você é e quais são os seus interesses".

[24] De acordo com Strickland (2007) o feed de notícias "mantém atualizado sobre o que os seus amigos e redes estão fazendo".

[25]Para saber sobre o assunto ver em Strickland (2007), disponível em: :http://informatica.hsw.uol.com.br/facebook.htm

Com a migração das pessoas do Orkut para o Facebook, seja pelo modismo ou pela questão do *status*, foi notada uma diferença na forma de expressar opiniões em relação ao vocativo. Os membros não colocavam mais uma opinião ou pergunta esperando uma resposta. As pessoas relatavam determinada situação ou expressavam algum sentimento e demonstravam sua rejeição de outra forma. Observem-se dois relatos retirados da rede de relacionamento[26]:

34. Como tornar-se um NÉM:
. Comece cortando a letra "m" do final das palavras: garage, passage, viage.
. Retire o "d" dos verbos em gerúndio: falano, cantano, fazeno.
. Elimine o "s" dos plurais: as criança, os motoboy, as carne.
. Crie vogais inexistentes no meio das palavras: naiscer, adevogado.
. Em algumas palavras, troque o "s" pelo "r". torrermo, ercuro, ercola.
. Conjugue o "mim": pra mim fazer, pra mimcumé, ou melhor:pámien fazer. Isso mesmo: mien.
. Pratique as seguintes situações: tire foto de si mesmo no espelho do banheiro, coloque um piercing com penduricalhos no umbigo, passe doura-pêlo na praia, faça uma tatuagem no antebraço com o nome Jesus ou homenageando algum parente.
. Tenha Orkut. E no MSN, ixCrEVa sEmPRe aXiM.
. Turbine seu carro: ele deve ser rebaixado, com insulfilm e ter um adesivo "Foi Jesus quem me deu."
. Ném tem rádio. Não tem celular. E só fala no viva-voz.
.Ouça funk no ônibus sem fone de ouvido no volume máximo.
. E, obviamente, não cultive amigos. Ném que é nem é cheio de colegas! PRONTO: Agora você já é um verdadeiro NÉM.

53- Descobri a causa do diabetes gestacional. A nem do meu lado disse a outra que é pq bebe pouca água....kkkk

Respostas ao comentário :

- Eita !!! Rsrsrsrsrs
-kkkkkkkkk
- Hahahahahahahahaha
-Nega, se é "Nem", já nem vale ouvir
-JUUUURA!!!! Kkkkk, E vc não educou// orientou este "ser pensante" ???
- Eu não estou de plantão para orientar as nem.kkkkk
-Meu pai do céu...kkkkkkkkk
-kkkkkkkkkkk.....

[26] As opiniões coletadas neste tópico fazem parte da rede de amizades do próprio autor deste texto, não houve a necessidade de ingressar em nenhuma comunidade específica para recolhê-lo.

Mesmo na forma atual de expressão de opinião, nota-se que o nível de preconceito linguístico não foi alterado.

Em outubro de 2011 circulava na rede uma espécie de “manual”[27] que ensinava como uma pessoa poderia tornar-se um “nem”. Esse material, que circulava na rede como forma de depreciar os usos e os usuários do vocativo, fez tanto sucesso que, em janeiro de 2012, foi ao ar um programa de TV[28] com o tema “Os usos e os usuários do vocativo ‘nem’”. Após o programa, o vocativo ficou conhecido em todo o Brasil.

Foi observado que os usuários da variedade padrão, além de rejeitarem o uso do vocativo “nem”, caracterizam seus usuários de “nem”. Então, segundo se diz, todos aqueles que assumem determinados comportamentos sociais, utilizam esse vocativo com frequência, frequentam redes de relacionamentos sem prestígio ou *status* e possuem determinados hábitos linguísticos são chamados de “nem”. Esse tipo de caracterização expressa a rejeição dos membros de determinados grupos sociais com quem utiliza o vocativo “nem”

Voltando ao exemplo 53, nota-se uma atitude de rejeição a uma pessoa de classe social considerada mais “baixa”, a qual, segundo o usuário, não possui um bom nível de instrução. Seu único pecado foi o desconhecimento sobre uma doença que afeta milhares de mulheres grávidas. É notório que todos os que responderam compartilhavam a mesma opinião do emissor do comentário.

Assim, pudemos observar os tipos de opiniões sobre o vocativo em questão que circulam na sociedade. Além da rejeição ao uso do vocábulo, vimos que os usuários das variedades mais prestigiosas da língua rejeitam as pessoas que o empregam. Os exemplos mostrados no capítulo serviram de amostragem sobre os usos e os níveis de rejeição ao vocativo “nem”.

[27] O manual pode ser encontrado no anexo do estudo.

[28] Programa Esquenta !, apresentado por Regina Casé, exibido na Rede Globo de televisão, Rio de janeiro, no dia 8 de janeiro de 2012, das 13hs às 14hs, produzido pela Rede Globo de Televisão, Rio de Janeiro. O vídeo está disponível on line: http://esquenta.globo.com/platb/programa/2012/01/09/%E2%80%98calourao%E2%80%99-elge-a-competidora-mais-%E2%80%9Cnem%E2%80%9D-do-%E2%80%98esquenta/

2.3.2 Os blogs e as opiniões sobre o vocativo “Nem”

Inicialmente os blogs funcionavam como um diário virtual em que os usuários escreviam seus sentimentos. Hoje, os blogs assumiram diversas funções e existem diversos tipos de blogs, como os especializados em beleza, moda, educação, notícias, fofocas, turismo, compra e venda. Além disso, a partir desses sites, o internauta pode enviar mensagens rápidas, assistir a vídeos, ver fotos, informar sua localização em tempo real, arquivar e catalogar artigos, livros, ensaios, entre outros.

Dessa forma, tem-se nos blogs um espaço de expressão e de contato com outras pessoas, porque se compartilham palavras, sentimentos e informação. Por isso, são considerados um dos espaços mais populares da rede.

Além disso, todos podem fazer circular informações com poucos recursos financeiros. Atualmente, os blogs vêm se tornando um negócio rentável para os usuários, que conseguem patrocínio para publicar suas dicas, opiniões, vídeos, entre outros.

De acordo com André Lemos (2009), o termo “*blog*” vem de “*weblog*” (contração de *web* e *log*), foi criado por John Barger e seu pioneiro foi Robot Wisdon, em dezembro de 1997. Hoje existem milhares de blogs e observa-se o seu aumento a cada dia.

Entende-se que os blogs são um espaço aberto em que os blogueiros têm liberdade para expor suas ideias. Nesse tipo de sites foram encontrados alguns relatos interessantes, que serão melhor explorados no próximo capítulo, porém, a título de exemplificação, podemos observar alguns:

*43. **E aí, Ném?**[29] **V**ocê já ouviu falar em Ném? Inicialmente pensei no famoso traficante. Depois achei que poderia ser a abreviação de neném. Mas, ao assistir o programa Esquenta de Regina Casé, entendi o seu significado e vou descrevê-lo usando um texto desconhecido da internet que faz uma análise perfeita do que é ou faz este tipo de ser:*

44. Olá meu querido ném[30], quanto tempo ném? Olha só ném! Dê-me um cigarro diz a gramática do professor e do aluno e do mulato sabído. Mas o bom ném negro e o bom ném branco da Nação Brasileira, dizem todos os dia, deixa disso ném, me dá um cigarro. Este ném que postô êce tema é um conhecedô do portugues popular falado no mundo da rua do ném. Isto aqui na Capitá! se ir pro interiô, vige como tem

[29] Disponível on line: http://sermulher-luna.blogspot.com/2012/01/e-ai-nem.html
[30] Disponível on line: http://www.benitopepe.com.br/2011/01/16/o-que-e-ser-um-nem/

ném. é ném pra cá, ném pra lá, noça como tem ném lá no interiô. O ném sai da sua sidade, com pé no chão, vem pra capitá e vira presidente,ainda pro riba deixa outra nem, no seu lugá. Meu querido ném, o verdadeiro ném é iguá aquele tá de Falcão cantador.´Adispois que ví esta iscrita sobre ném, fiquei a imaginá, se não seria mais mió cabá com o papagai faladô da politica e da igreja. Numa reunião de ném todo mundo se entendi,agora se butá um papagai faladô pra falá a coisa se complica. Porquê o ném tem seu modo e jeito de falá, e não precisa de paletó e gravata para enganá o outro ném. Meu amigo, ném precisá perguntá estive afastado devido ao probrema do AVC mai vendo esta estoria do ném, me deu vontade de iscrever um comentario. Um abraço do amigo nem.

Foram encontrados nos blogs, juntamente com as opiniões a respeito do vocativo “nem”, o manual de como tornar-se um “nem” [31], bem como comentários a respeito do programa *Esquenta!*, da Rede Globo de Televisão. Similar ao que ocorre nas redes de relacionamento social, foram expostos alguns comentários que refletem a rejeição ao vocativo.

Constata-se que o comentário 44, além de ser ofensivo, relaciona o vocativo a pessoas que migram para a cidade. Da mesma forma, o uso do vocativo foi relacionado aos corruptos da política e até à religião. Além disso, a maneira como o texto foi redigido revela um indivíduo com forte rejeição a variantes desprestigiosas da língua.

Tais fatos serão aprofundados a seguir, quando será abordada a questão do imaginário relativo ao vocativo “nem”.

[31] O manual pode ser encontrado, na íntegra, no anexo da pesquisa.

3 O IMAGINÁRIO REFERENTE AO VOCATIVO “NEM”

Conforme o objetivo deste estudo apresentado anteriormente, foi exposto que o propósito da pesquisa era analisar as atitudes e crenças sobre o vocativo “nem” que circulam na sociedade. Para esse fim, foi constituído um *corpus* que, como definido no Capítulo 2, revela uma breve amostra de discursos em que esse vocativo aparece ou é comentado. Outro ponto importante da pesquisa é que a análise segue um caminho específico, ou seja, demonstra que tais discursos circulam na sociedade por meio de um imaginário sociodiscursivo.

Partiu-se da hipótese de que os falantes identificados, sem ter consciência do fato, divulgam, por meio de discurso oral e escrito, suas opiniões, a partir de atitudes e crenças, a respeito do vocativo e de seus usuários. As atitudes fazem parte da vida do sujeito e pode-se dizer que são dispositivos favoráveis, ou desfavoráveis, relativamente a pessoas ou acontecimentos.

Dessa forma, tendo em vista as informações apresentadas anteriormente, estas foram as seguintes atitudes e crenças mais recorrentes:

• É inaceitável para o falante que se vê como de classe “alta” ser chamado de “nem” ou utilizar-se do termo, apesar de esse vocativo ser uma forma carinhosa de tratamento.

• O fato de ser uma forma de tratamento oriundo das denominadas classes mais baixas causa repulsa.

• Para o falante da variedade prestigiosa da língua, os que utilizam esse vocativo são tratados pelo vocábulo estigmatizado “favelado”.

• A utilização do vocativo “nem” é um “vício” ou “mania” de quem mora em comunidades pobres.

• “Nem” é típico da fala feminina, ou seja, somente as mulheres o utilizam.

• O vocativo tem por função tratar de forma carinhosa as pessoas cujo nome não lembramos: para que não se erre o nome é melhor tratá-las todas da mesma forma.

Fiel à perspectiva teórica assumida no presente capítulo, optou-se em observar se as hipóteses condizem com o discurso que circula na sociedade. Para facilitar tal análise, dividiremos o capítulo em duas seções. Na primeira, nos deteremos em refletir sobre a variação linguística e o preconceito linguístico e, na segunda, realizaremos uma breve análise das atitudes, crenças e imaginários.

3.1 Variação linguística e preconceito linguístico

Para Halliday, "uma língua, definida pela linguística institucional, é conjunto das atividades sociais executadas pelos membros de uma comunidade que se consideram a si próprios como falando 'a mesma língua'" (1974, p.257).

As línguas são diferentes, isto é, elas sofrem variações diacrônicas (conforme a época), diatópicas (conforme o lugar), diastráticas (conforme a classe social ou especialização dos falantes) e ainda conforme a situação (formal ou informal) [32]. Como dito anteriormente, ao observarmos os discursos orais e escritos dos falantes, percebemos que a língua varia no espaço geográfico, no espaço social e consoante a situação comunicativa. Dessa forma, pode-se afirmar que o português do Nordeste difere do português do Sudeste, assim como o do início do século XX difere do atual e assim sucessivamente.

Quanto aos usos e aos usuários, os indivíduos utilizam as variedades[33]. Essas são divididas entre dialetos – variam em função do usuário da língua – e registros ou estilos – que variam em função do uso que se faz da língua. Apesar da existência de vários códigos, existe somente uma língua portuguesa. Dessa forma, membros da mesma "comunidade linguística"[34] que tenham certo grau de escolaridade, utilizam na escrita formal, a sua forma padrão. Portanto, consoante Oliveira (2004), "embora existam várias 'línguas' portuguesas como códigos, há um e somente um português como **instituição social**" (grifo do autor).

[32] Conseriu por Conseriu (1980)
[33] As distinções entre dialeto e registro são adotadas por Halliday (1974).
[34] Para Halliday (1974, p.100), " a comunidade linguística é um grupo de homens que se consideram a si mesmos falarem a mesma língua."

Temos nas modalidades, escrita e oral, diferentes maneiras de utilizarmos a língua. Na escrita, utilizamos a língua-padrão, que é a variedade culta do idioma e tem um comprometimento especial com as normas gramaticais da gramática normativa. Tal variedade tem caráter supra regional e desfruta de prestígio social.

Considera-se que quem utiliza a língua culta possui *status* na sociedade. Quanto ao termo, pode-se dizer que é qualificado com o sentido mais amplo, porque abrange não só a língua padrão, mas também as variedades cultas informais das diversas regiões de nosso país.

Ninguém, em sua vida diária, utiliza a língua “culta” formal em todas as situações, porém, a tendência de quem possui um nível escolar mais alto é exigir dos outros falantes que utilizem, em todos os momentos, a norma culta. Assim sendo, todas as pessoas que não seguem esse contrato de comunicação imposto pelo grupo são passíveis de sofrerem preconceito.

O vocativo “nem” faz parte da variedade menos prestigiada da língua, que, por vezes, é classificada como vulgar, portanto, pode-se dizer que o vocábulo pertence a determinado dialeto social. Quanto ao seu uso, é classificado, na modalidade da língua, como oral. Assim, pode-se dizer que os usuários do vocativo utilizam um registro considerado informal ou coloquial. Naturalmente, por sua origem, o uso do vocativo é considerado um termo desprestigioso da língua.

Durante o levantamento, foi observado que inicialmente quem rejeitava o vocativo, em geral, fazia parte de um grupo da sociedade usuário da variedade mais prestígios da língua, ou seja, estudantes, graduandos de universidades ou graduados, pertencentes à classe média. Então, foi verificado, no caso do vocativo “nem”, que o nível social influencia na rejeição ou na adoção de determinado termo. De acordo com Bartoni-Ricardo (2004, p. 48), “as diferenças de *status* socioeconômicos representam desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, o que se reflete em diferenças sociolinguísticas”.

Não podemos afirmar, porém, que esse fenômeno de rejeição aconteça com todos os vocábulos e gírias, porque alguns vocábulos típicos das classes mais baixas são utilizados por jovens de classe média. É notório que até pessoas mais velhas já estão adotando a atitude de rejeição dos mais jovens.

Outro ponto importante a salientar é que, na maior parte das vezes, a rejeição é assumida por pessoas que não são estudiosas da língua. Durante a pesquisa de *corpus* foram encontradas algumas discussões que defendiam os variados usos da língua, porém, pelo fato de não serem relevantes neste momento, tais relatos foram descartados da análise.

O estudioso, entretanto, também é um falante e em alguns casos pode nutrir algum tipo de sentimento de rejeição em relação ao vocábulo. Esse é o caso da professora, mestra em língua portuguesa, que confidenciou não se sentir bem ao ser tratada pelo vocativo, por considerar que "o vocativo 'nem' está internalizado nas pessoas como símbolo de favelado" (informação verbal – abril de 2012) [35].

Com isso, destaca-se, neste momento, que essas atitudes marcam, nos falantes, que o vocativo é, somente, utilizado por pessoas de baixo poder aquisitivo e baixo nível instrucional.

Conforme informação anterior, o conceito de dialeto social é passível de esbarrar em preconceitos, justamente por variar em função do usuário. Além disso, outros elementos estão aí envolvidos, como prestígio, poder, exclusão, entre outros aspectos tensos da vida humana. Não há como explicar quais são os critérios para a aceitação de determinadas variações linguísticas. Assim, alguns termos são mais aceitáveis do que outros. O uso, em situações informais, do pronome oblíquo no início da frase, por exemplo, é mais aceitável que o próprio vocativo utilizado pelas classes de menor pode aquisitivo.

Pode-se dizer que há graus de preconceito e aparentemente o dialeto social é vítima do grau mais forte de rejeição. Consoante Oliveira, citado por Houdebine-Gravaud (2011), "no imaginário linguístico das pessoas a rejeição às formas típicas de dialetos sociais desprestigiadas é maior do que contra as próprias da variedade informal culta da língua". Assim, verifica-se que há diferenças de prestígio entre as variedades sociais cultas e as dos falantes, que utilizam variedade vulgar da língua. Possivelmente, um dos motivos para a rejeição do "nem" encaixa-se nesse caso.

Outro fator relevante observado é que muitos usuários do vocativo procuraram, ou procuram, substituí-lo por outro não estigmatizado socialmente. Talvez seja pelo fato de conviverem com falantes da língua culta ou até mesmo por

[35] O relato pode ser encontrado nos anexos, número 52.

uma questão de *status*, já que não querem ser vítimas de preconceito. Sobre as formas linguísticas estigmatizadas, Oliveira[36] nos informa que:

> Quanto à atitude de evitar formas linguísticas estigmatizadas, o que se passa é que ninguém quer ser discriminado. Esse problema é muito complexo e não pode ser resolvido com raciocínios simplistas. Uma forma linguística não é ou estigmatizada ou não estigmatizada. Há graus de "estigma". Uma das causas da identificação de desprestigiado com incorreto é a compreensível necessidade que sentem os falantes – quando ascendem ou pretendem ascender socialmente – de adotar uma variedade social não estigmatizada do idioma. Não se está negando, portanto, a validade de levar em conta o grau de "estigma" de uma forma para decidir se convém ou não empregá-la (...) (OLIVEIRA, 2011)

Em conformidade com a citação anterior, foi verificado, durante a pesquisa, que alguns falantes que antes utilizavam a forma carinhosa de tratamento "nem", agora o substituem pelo vocativo "amor", muito empregado carinhosamente por casais. Esse último é mais aceito pela sociedade e particularmente não encontramos nenhum comentário depreciativo sobre ele. Pelo contrário, observamos que alguns indivíduos, usuários da variedade social culta, utilizam-se do vocativo sem sofrer qualquer preconceito[37].

Esse tipo de atitude é adotado como meio de evitar as formas linguísticas estigmatizadas, exatamente porque ninguém quer ser discriminado socialmente por sua maneira de falar. De acordo com Bock (1999, p.209), "o estigma refere-se às marcas-atributos sociais que um indivíduo, grupo ou povo carregam e cujo valor pode ser negativo ou pejorativo". Nota-se, também, que, em relação a esse ponto, a sociedade tem dificuldade em lidar com o diferente. Segundo o mesmo autor,

> Esta dificuldade é 'perpetuada', ao longo das gerações, pela educação familiar, pela escola, pelos meios de comunicação de massa, por cada um de nós em nosso cotidiano, o que leva à construção de uma carreira moral para o indivíduo estigmatizado, isto é, sua identidade vai incorporar este atributo ao qual corresponde um valor social negativo. (BOCK, 1999, p.209)

Dessa forma, entende-se que, para a sociedade em geral, o indivíduo que utiliza a forma prestigiosa da língua possui um estereótipo de falante da língua culta, ou seja, possui status social. Consequentemente, isso significa que, para esse

[36] Disponível on line: http://heleniofon.blogspot.com.br/2012/07/imaginario-linguistico-certo-e-errado.html

[37] Fato constatado durante a pesquisa, através de experiências pessoais.

grupo, as pessoas que utilizam o vocativo “nem” não fazem parte do seleto grupo das pessoas instruídas e ainda são vítimas de preconceito linguístico.

Esse é um tipo de imaginário inconsciente que circula socialmente, porque é propagado pelos enunciados como pré-julgamentos implícitos, impulsionando um tipo de preconceito linguístico para a sociedade.

A expressão “preconceito linguístico” é utilizada por estudiosos da Sociolinguística, disciplina que estuda o fenômeno da variação linguística, os fatores que a condicionam e as atitudes da sociedade em relação às variedades.

Voltando à epígrafe da introdução, para Sírio Possenti (2011):

> No fundo, o preconceito linguístico é um preconceito social. É uma discriminação sem fundamento que atinge falantes inferiorizados por alguma razão e por algum fato histórico. Nós o compreenderíamos melhor se nos déssemos conta de que ‘falar bem’ é uma regra da mesma natureza das regras de etiqueta, das regras de comportamento social. Os que dizemos que falam errado são apenas cidadãos que seguem outras regras e que não têm poder para ditar quais são as elegantes.

O autor afirma ainda:

> ...isso não significa dizer que a norma culta não é relevante ou que não precisa ser ensinada. Significa apenas que as normas não cultas não são o que sempre se disse delas. E elas mereceriam não ser objeto de preconceito.

Ao mesmo tempo que inúmeros falantes estigmatizam o vocativo “nem” e insistem em substituí-lo por considerá-lo desprestigiado, observou-se que muitos continuam utilizando-o sem o menor pudor. Esses parecem não se importar, porque o vocativo já foi assumido como forma de identidade social. Para Bock (1999, p. 203), “a identidade permite uma relação com os outros, propiciando o reconhecimento de si”.

Tal forma de construção de identidade pode ser percebida por determinadas atitudes dos falantes. Em uma reportagem do programa *Fantástico*[38], notamos que tanto mulheres, quanto homens assumem o “nem” com orgulho e até criaram um novo estilo: o “estilo ‘nem’ ”. Há algum tempo, esse fato não poderia ser

[38] Programa Fantástico exibido na Rede Globo de televisão, Rio de janeiro, no dia 13 de janeiro de 2013, das 21hs às 23hs, produzido pela Rede Globo de Televisão, Rio de Janeiro. Vídeo com a reportagem disponível em: http://globotv.globo.com/rede-globo/fantastico/v/fantastico-mostra-o-estilo-das-moradoras-do-alemao-no-rio/2343146/

considerado como construção de identidade, porque os falantes não se assumiam como “nens”. Tal comportamento recente só pode ser analisado dessa forma, visto que este estudo acontece praticamente em tempo real.

De acordo com Charaudeau (2009), “a identidade social tem como particularidade a necessidade de ser reconhecida pelos outros. Ela é o que confere ao sujeito seu ‘direito à palavra’, o que funda sua legitimidade.” Ainda segundo o teórico, “o processo pelo qual alguém é legitimado é o de reconhecimento de um sujeito por outros sujeitos, em nome de um valor aceito por todos, tal como foi constatado nos exemplos que examinamos”.

Tais falantes, integrantes de determinado grupo social, parecem não se importar com o julgamento dos outros. Aparentemente essa situação de construção de identidade não sensibiliza o restante dos indivíduos, porque eles continuam estigmatizando seus usos e seus usuários. Consoante Charaudeau (2009),

> Vê-se então o paradoxo no qual se constrói a identidade. Cada um precisa do outro em sua diferença para tomar consciência de sua existência, mas ao mesmo tempo desconfia deste outro e sente necessidade ou de rejeitá-lo, ou de torná-lo semelhante para eliminar a diferença.

Essa construção de uma identidade discursiva, tanto para os que defendem o uso, quanto para os que o rejeitam, é construída pelo sujeito falante a fim de passar credibilidade, ou seja, de acordo com Charaudeau (2009), “o sujeito falante deve, pois defender uma imagem de si mesmo (um ‘ethos’[39]) que lhe permita, estrategicamente, responder à questão : ‘como fazer para ser levado a sério ? ’ ”.

Assim, considerando-se os falantes que substituem o vocativo por outro menos estigmatizado socialmente, os falantes que evitam utilizá-lo ou ainda aqueles que lançam mão de outros vocábulos em substituição do “nem”, pode-se afirmar que esses sujeitos querem passar, para a sociedade, uma imagem de falante da variedade prestigiosa da língua.

Em contrapartida, o falante que continua utilizando “nem”, mesmo sabendo que a sociedade rejeita tal estrutura vocabular, tem um comportamento que se

[39] Sobre o assunto ver: CHARAUDEAU, Patrick. Discurso Político. São Paulo: Contexto, 2008.

insere no que Charaudeau (2009)[40] denomina “atitudes discursivas de engajamento”, porque opta

> (de maneira mais ou menos consciente) por uma tomada de posição na escolha de argumentos ou de palavras, ou por uma modalização avaliativa trazida a seu discurso. Esta atitude destina-se a construir a imagem de um sujeito falante como “ser de convicção”. A verdade, aqui, confunde-se com a força de convicção daquele que fala, e espera-se que esta influencie o interlocutor.

Nota-se, portanto, que a construção do *ethos* desse falante independe das atitudes e crenças dos que utilizam a variedade culta da língua.

3.2 Atitudes, crenças e imaginário

Percebe-se que os sujeitos nutrem crenças e têm atitudes em relação à língua. Dessa forma julgam os falantes que utilizam determinadas palavras e expressões, estigmatizando-as. Essas atitudes e crenças tanto podem ser positivas quanto negativas. Para Santos (1996):

> Crença seria uma convicção íntima, uma opinião que se adota com fé e certeza.[...] Já atitude seria uma disposição, propósito ou manifestação de intento ou propósito. Tomando atitude como manifestação, expressão de opinião ou sentimento, chega-se à conclusão de que nossas reações frente a determinadas pessoas, a determinadas situações, a determinadas coisas seriam atitudes que manifestariam nossas convicções íntimas, ou seja, as nossas crenças em relação a essas pessoas, situações ou coisas (SANTOS, 1996, p. 8).

De acordo com Fraga (2009, p.109), “atitudes e crenças têm relação tão estreita que uma mudança nas crenças pode acarretar também mudanças nas atitudes e vice-versa”. Assim, pode-se dizer que as atitudes linguísticas dizem muito sobre as relações sociais firmadas entre os grupos, além de exercerem papel importante no processo de variação linguística. Em relação às crenças, Santos afirma que: “é possível que, diante de uma mesma manifestação de crença, dois

[40] In PIETROLUONGO, Márcia, disponível em: http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html

indivíduos demonstrem atitudes opostas, daí a necessidade [...] de não se restringir a uma única manifestação de crenças" (SANTOS, 1996, p.14).

Por conseguinte, na sociedade, a diferença provém da diversidade dos grupos sociais e encontra-se refletida na variação da língua e nas atitudes dos indivíduos frente a essas variações.

Durante esse estudo foram percebidas muitas atitudes, ou seja, posições assumidas, maneiras de pensar e agir, em relação ao vocativo "nem". Em geral observou-se uma recorrência de opiniões negativas.

Notou-se também, nos sites de relacionamento social, que muitos partilhavam sempre de uma mesma opinião. Outro fator identificado foi a vinculação entre o termo e a condição social dos falantes ou de suas características, como pode ser examinado nos exemplos seguintes, retirados do *corpus*:

4. isso eh coisa de gente falsa msm....

22. pra mim chamar de nem é coisa de favelado

27. coisa de pobre. Pra mim isso é coisa de pobre ou favelado

Em geral, uma das características principais dos participantes de determinados grupos em sites de relacionamento social é partilharem as mesmas crenças e as mesmas atitudes de rejeição.

Notou-se, também, o surgimento da crença de que o vocativo está relacionado ao gênero feminino. Constatou-se também, durante o estudo, que o uso do termo, porém, não é exclusivo do sexo feminino, como foi visto no capítulo anterior: homens também empregam o vocábulo, mas com menor intensidade.

Assim, devido ao fato de observarmos que mulheres utilizam o vocativo em maior intensidade, a atitude reforça a crença de o termo ser de uso exclusivamente feminino. Observe-se o relato retirado do Orkut:

28 - (...)O que mais me intriga é que eu só vejo MULHERES usando este termo. Homem mesmo (gays não contam!), que eu conheça, nunca ouvi sequer pronunciar... Isto posto, passo a concluir que é COISA DE MULHER, não é bem de pobre não... (rsrsrsrs).

Alguns membros do grupo social, entretanto, já demonstram saber que o vocativo não é uma característica especial das mulheres. Os homens, inclusive, adquirem características próprias de acordo com o imaginário que circula na sociedade. Observe-se o relato 51, retirado de um blog[41]:

51. (...) Ser nem não é privilégio feminino, também há **homens nem**. "Eles aproveitam o salário para deixar o carro tunado. No mínimo, no mínimo, ele deve ser rebaixado e com insulfilm. Mas para ser completo mesmo, instale um som boladão para ouvir música alta na orla. Com o porta-malas do carro aberto, é claro." (grifo do autor)

A crença de que o vocativo é de uso exclusivo das mulheres ajudou na propagação de outra forma de relação entre o vocativo e a sociedade. Apesar de no relato 51 o termo “nem” também caracterizar homens, hoje caracteriza as mulheres pelo modo de vestir, pelos hábitos e comportamentos sociais. Observa-se que, nesse caso, as próprias mulheres autointitulam-se de “nem”. Elas não se importam com as atitudes da sociedade e algumas, inclusive, procuram seguir todas as características do contrato de comunicação para se mostrarem como “nens”. No caso dos homens não foi observado nenhum relato masculino que se identifique com o termo.

No caso das mulheres, nota-se aqui o que comentamos anteriormente e que Charaudeau (2009) denomina de “atitude discursiva de engajamento”. Assim também podemos relacionar tal fato com um tipo de construção de identidade. Em entrevista[42] para o site GNT, a atriz e apresentadora Regina Casé definiu o estilo das “nens”: "Elas criaram uma estética própria, criada por elas, e não querem imitar quem é rico"[43].

[41] Disponível em: http://vilamulher.terra.com.br/mulher-nem-ja-ouviu-falar-11-1-69-679.html

[42] Anexo, relato 49.

[43] Reportagem e vídeo da entrevista disponível em: http://gnt.globo.com/moda/noticias/Regina-Case-fala-sobre-o-estilo-das--nem-.shtml

Atualmente não se trata de utilizar ou não o vocativo, mas, sim, de “ser” ou “não ser” um “nem”. Observe-se a seguir um trecho do relato mais compartilhado entre os sites de relacionamento, o manual[44] que ensina como ser um “nem”:

35. Dicas para você se tornar um ném
Talvez você não esteja identificando o que é ser ném. Talvez. Dúvida que vai sumir no máximo até a terceira dica. Quem sabe você mesmo já não é um pouco. Mas vamos lá, você pode ser um completo. Assim você entra na moda. Afinal, este estilo particular de ser não para de se espalhar por aí, ném. (...)

Nota-se que o manual reflete como a sociedade cria um modelo de como não ser. Se, por acaso, o sujeito se encaixar em uma dessas características, será logo rotulado pejorativamente de “Nem”. Esse manual é um reflexo das novas crenças que a sociedade criou a respeito desse vocativo. Antes mesmo da circulação desse material na rede, podíamos observar comentários[45] desse tipo circulando no imaginário sociodiscursivo dos falantes:

39.a - Tinha uma Nensada em frente ao “Barra music”

39.b- Ah ! Aquele short de nem

Esses comentários foram feitos por uma jovem de classe média, moradora do bairro de Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro. Na época ela tinha 18 anos e estudava em uma escola particular. O primeiro relato se refere a um grupo de pessoas que provavelmente não pertenciam à mesma classe social da jovem. O segundo mostra uma atitude de rejeição em relação ao vestuário, porque há uma crença de que somente as “nens” utilizam certo tipo de roupa e acessórios.

Outro relato interessante é uma informação oral de uma jovem de 14 anos, de classe média, estudante de uma tradicional escola particular,também moradora do Bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. A referida aluna relatou uma situação

[44] Leia mais sobre o manual no anexo desta pesquisa
[45] Informação oral

ocorrida em uma aula de teatro. Durante essa aula, a professora estimulou os alunos a criarem as características das personagens da peça da escola.

A turma caracterizou uma das personagens como uma “nem”, com as seguintes particularidades:

40 -
• falar alto e até gritar em determinados momentos da peça.
• “era meio burra” (palavras da aluna).
• escutava música alta com celular sem o fone de ouvido.
• a personagem deveria usar roupas chamativas e acessórios exagerados (cordões, pulseiras e anéis)- segundo a jovem a personagem “usava roupa escandalosa”.
• o cabelo era “bagunçado”. De acordo com os alunos “ném não tem o cabelo liso”.

Vemos nos itens a tentativa de traçar um perfil do usuário do vocativo “nem”. O fato curioso é que todos os alunos foram responsáveis por caracterizar a personagem. Isso é um reflexo das crenças que circulam no grupo no qual esses alunos se inserem. Outro fator relevante é que a professora não fez qualquer tipo de comentário a respeito do preconceito e ainda ajudou a criar as particularidades da personagem.

Possivelmente a professora não tenha recriminado os alunos por atribuírem características exageradas, porque o que chamaria atenção da plateia seria uma personagem estereotipada. Com o intuito de criticar os comportamentos individuais e coletivos, as comédias apresentam justamente personagens bem marcadas, com caráter vicioso e vulgar.

Temos também outra relação com o vocativo. Atualmente compara-se uma “nem” a uma “periguete”. Essa última expressão possui, em muitos estados brasileiros, uma conotação erótica e difamatória em relação às mulheres. Curiosamente esse termo, originário da Bahia, inicialmente significava “latinha de cerveja”, mas, devido à variação da língua, agregou novos significados.

Percebe-se ainda que as próprias meninas que se consideram “nens” utilizam os dois termos como formas sinônimas. Os imaginários também podem ser

encontrados em blogs. Sobre esses, André Lemos in Recuero (2009) nos informa que:

> Os blogs são criados para os mais diversos fins, refletindo um desejo reprimido pela cultura de massa: o de ser ator na emissão, na produção de conteúdo e na partilha de experiências. (2009, p.8)[46]

Dessa forma, podem-se observar algumas crenças presentes nesse tipo de site:

43. ENGRAÇADO QUE AGORA SER NÉM NÃO TEM O MESMO CONCEITO DO USO...PQ NÉM É UM VOCATIVO QUE AS PESSOAS UTILIZAM PARA TRATAR DE FORMA CARINHOSA AS PESSOAS, PORÉM AGORA TEM UM NOVO CONCEITO, NÉM É SER "PIRIGUETE, PESSOA FÁCIL".[47]

42. (...) Mas enfim, se tem uma coisa que eu amo da cultura popular moderna (aqueles querendo glamourizar) SÃO AS NÉM. Ném é tipo uma piriguete da periferia, do morrão. Preciso nem ficar dando detalhes justamente pq a Regina proporcionou um MARAVILHOSISSIMO "CONCURSO DE NÉM" no programa dela. OU SEJE, é muito amor, muito PILSI, muita TATUAGI e KOLENE, meu amor.[48]

51. Podemos dizer que as "nem" são uma versão atualizada das ***periguetes****. "É muito mais periguete. O estilo tem mais a ver com comportamento, quando elas estão a fim, vão para cima, fazem e acontecem", diz Lucas Ribeiro, redator publicitário que mantém um blog chamado "Mais ou menos", na página ele e Leo Valpassos publicam textos sobre suas análises de fatos e comportamentos do cotidiano da cidade. É possível notar que há periguetes de classe média, por enquanto, nem só são encontradas nas classes mais baixas. "O que elas têm em comum é o querer aparecer, elas usam principalmente as roupas para isso", observa.*[49]

[46] Para saber mais sobre o assunto ver: RECUERO, Raquel (orgs). Blogs.Com: Estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
[47] Disponível em: http://sermulher-luna.blogspot.com/2012/01/e-ai-nem.html
[48] Disponível em: http://www.santaclaraenvergonhada.com.br/2012/01/arrasa-nem.html
[49] Disponível em: http://vilamulher.terra.com.br/mulher-nem-ja-ouviu-falar-11-1-69-679.html

37.

.

Quinta-feira, 1 de dezembro de 2011 O GLOBO

GENTE BOA

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

Não é o Nem. É a Nem

• Vai ter "Concurso de 'Nem'" no programa "Esquenta" de **Regina Casé**. É uma estética nova nas ruas do Rio. Inclui disputa da unha mais emperiquitada (adesivo com florzinha vai bem), penteado (sempre com aplique) e roupa (sempre em tamanho P, com short atochado de bolso aparecendo por baixo e strass bordado). "Nem" é a periguete sem grana.

Como podemos observar na reportagem acima, publicada no jornal *O Globo*, de 01 de dezembro de 2011, a mídia jornalística contribui na divulgação dessas crenças e atitudes negativas e pejorativas.

3.2.1 Imaginários

No primeiro capítulo vimos que, na estruturação dos imaginários, tem-se a mecânica das representações sociais que, por meio da produção de discursos, dá origem aos sistemas de saber, de conhecimento e de crença. Para Charaudeau (2008), o fundamento desses sistemas de saber são os imaginários sociodiscursivos.

O saber de conhecimento se caracteriza pela objetividade e o de crença apoia-se "na voz do povo", porque envolve julgamentos de valor. Sendo assim, ao perceber que o sujeito realiza o julgamento de determinada situação, entramos no

campo do valor. Qualquer coisa que se preze, ou seja, qualquer elemento a que atribuímos importância, pode ser considerado um valor.

A partir desses saberes, que se organizam em sistemas de pensamento (teorias, doutrinas ou opiniões), é que se estruturam os imaginários sociodiscursivos.

Assim, retomando conceitos já abordados, o imaginário sociodiscursivo se dá a partir de uma produção de saberes realizada pelas representações sociais. Ele resulta de um processo emocional de relação intersubjetiva, ou seja, entre sujeito e sujeito ou entre sujeito e objeto, e deposita-se na memória coletiva. Então, pode-se dizer que o imaginário cria valores e justifica as ações humanas.

Durante este estudo foram observadas criações de valores negativos em relação ao vocativo “nem”. Esses valores justificam todas as atitudes observadas sobre tal vocativo. As atitudes são negativas, porque se opõem à da tradição da variedade prestigiada da língua e estigmatiza usos e usuários. Como visto anteriormente, o juízo de crença está fundado em uma partilha, por isso pode-se dizer que tem uma função identitária.

Ao rejeitar o “nem”, o falante é reconhecido pelos outros como mais um membro do grupo dos falantes da língua padrão. Uma das características do referido grupo é o fato de rejeitar tudo o que faz parte da variedade desprestigiada da língua, ou seja, seus usuários e suas palavras ou expressões características.

Sendo assim, entende-se que, da mesma forma que o usuário que utiliza o vocativo e não se incomoda com as crenças da sociedade, o falante da variedade prestigiosa da língua constrói um *ethos* e quer passar para a sociedade uma imagem de falante da língua possuidor do *status* da língua e detentor de conhecimento.

Esse imaginário, que pode ser considerado uma fonte de identificação entre os falantes, lança mão de estratégias de persuasão de suas opiniões a partir das atitudes negativas tanto no discurso oral, quanto pelos relatos nas páginas de relacionamento social.

Assim, até quem anteriormente não tinha contato com o vocativo por motivos diversos só se dá conta da rejeição quando lê ou escuta algum comentário a respeito. Na maioria das vezes, esse falante nem percebe o que está acontecendo e, por meio de atitudes discursivas, adota a crença da rejeição, mudando suas atitudes. Observa-se o relato a seguir, já visto no capítulo 2:

3. (...) Ps. gente , eu só não sei o que eu falariia se uma pessoa que é favelada de verdade (que morasse na favela e tudo) chegasse pra mim e me chamasse de néin , isso nunca aconteceeu , e eu espero que nunca aconteça ! UHAUAHUAHAUH' (grifo do autor)

Nota-se que o falante, mesmo sem ter contato com o vocativo, foi contagiado pelo imaginário sociodiscursivo que circula no grupo em que se insere. Outro fator bastante comum é o sujeito ter contato com o vocativo por meio da opinião de outros. É dessa forma que nascem as crenças negativas em relação ao termo. Os relatos a seguir foram construídos a partir de uma opinião negativa encontrada em um blog[50].

46. então ser "ném" é ser analfabeto, aculturado e ignorante? Tudo que uma população precisa para ser extinta? Complicado isso.

47. KKKKKKKKK…eu estava pesquisando sobre o que é ser um "Ném", quando achei o seu artigo e vi o quão realista a descrição do verdadeiro "Ném". O pior, ou melhor sei lá, é que o número de pessoas que acham bonito ser "Ném" têm aumentado cada vez mais…

Assim, como a maioria dos falantes desconhece que o vocativo tem origem na forma carinhosa de tratar o outro, observamos crenças negativas, que fazem parte do imaginário sociodiscursivo, assim como a crença de que ser "nem" significa ser uma pessoa sem cultura e alienada socialmente. Consoante Chauí:

> A alienação é o fenômeno pelo qual os homens criam ou produzem alguma coisa, dão independência a essa criatura como se ela existisse por si mesma e em si mesma, deixam-se governar por ela como se ela tivesse poder em si e por si mesma, não se reconhecem na obra que criaram, fazendo-a um ser-outro, separado dos homens, superior a eles e com poder sobre eles. (chauí, 1997, p. 170).

Dessa forma, não percebemos nenhum sentimento de alienação por parte dos usuários do vocativo, porque não se trata de desconhecimento de sua origem nem de suas causas. Eles sabem qual a finalidade do vocativo e mostram-se resistentes ao seu uso. Fica claro que essa resistência é fruto de todas as críticas negativas às quais os falantes que utilizam o "Nem" foram expostos.

[50] Disponível em: http://www.benitopepe.com.br/2011/01/16/o-que-e-ser-um-nem/

Também não vemos a utilização desse vocativo como sinal de analfabetismo, porque nem todos os usuários dessa forma linguística se encontram nessa condição. Enfim, o excesso de generalização reflete as crenças da sociedade em relação ao termo.

Podemos afirmar, portanto, que não se trata de alienação, como definida por Chauí (1997), visto que os falantes do vocativo em questão se reconhecem como sujeitos sociais. Por outro lado, levanta-se a hipótese de que a alienação parte do usuário da língua padrão, à medida que rejeita um termo do dialeto social.

A discussão sobre o vocativo é tão equivocada que parcela da sociedade encara o termo “nem” como um modismo. Não se trata aqui de “ser nem” ou não, mas, sim, de se assumir para a sociedade como um falante de um dialeto social.

Outro fator relevante para este estudo foi observar como a mídia explora essas crenças negativas. Programas de humor e voltados ao público jovem sempre relacionam o vocativo “nem” àquela personagem com pouco ou nenhum nível de instrução, àquela que mora em comunidade, ou até mesmo à junção das duas situações.

Engana-se quem pensa que esse estigma foi formado a partir da mídia. O que assistimos na TV é o reflexo das opiniões que circulam em outros tipos de mídia, como as redes de relacionamento sociais, e nas relações sociais.

Em oposição às características estereotipadas que a mídia divulga, vimos no programa “Esquenta!”[51], entretanto, uma tentativa de desconstrução da imagem da “nem” que a sociedade construiu. Nele ocorreu um concurso para eleger a mulher com as características mais semelhantes ao que a sociedade marca como uma “nem”. Sendo assim, apesar da tentativa de desconstrução das imagens estereotipadas, não foi isso que ficou marcado no público, porque as características atribuídas foram extremamente negativas.

[51] Programa Esquenta !, apresentado por Regina Casé, exibido na Rede Globo de televisão, Rio de janeiro, no dia 8 de janeiro de 2012, das 13hs às 14hs, produzido pela Rede Globo de Televisão, Rio de Janeiro.

3.2.2 O imaginário em sala de aula

As crenças sobre o vocativo “nem”, como se viu, foram criadas a partir de um imaginário sociodiscursivo que circula na sociedade. Vimos também que alguns conceitos estão diretamente ligados a esse assunto, tais como variação linguística e preconceito linguístico.

Além do trabalho com o *corpus*, torna-se necessário destacar alguns pontos trabalhados em sala de aula. Durante as aulas sobre variação linguística com duas turmas do 6º ano do ensino fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Cap/UERJ[52], foram observados alguns comentários interessantes sobre o vocativo “nem”. Os alunos têm entre 10 e 12 anos. A maioria dos alunos pertence à classe média, mas também encontramos alunos oriundos das classes mais baixas.

As aulas sobre variação sempre são uma descoberta para os alunos, por aprenderem que existem diferenças entre registros e dialetos e que devemos utilizar o mais adequado para cada situação de comunicação.

Durante aula, enquanto a turma discutia a questão dos dialetos sociais, os alunos foram questionados sobre o que achavam do vocativo “nem”. Dentre as diversas respostas surgiram alguns comentários comuns aos analisados. Muitos sabiam que se tratava de uma forma carinhosa de tratamento e alguns mostraram não ter nada contra seu uso.

A maioria, contudo, mostrou forte rejeição ao vocativo, reproduzindo o imaginário sociodiscursivo que circula na sociedade: “ ‘nem’ é coisa de pobre”, “‘nem’ é coisa de favelado” e “não gosto de ser chamado de ‘nem’ ”. Ao serem questionados sobre o motivo de não gostarem de serem chamados pelo vocativo, os alunos não souberam explicar o porquê, simplesmente não gostavam de serem chamados dessa maneira. Destacamos dois comentários[53], que merecem destaque para uma breve análise.

55 - A minha falou mãe que ela, e as amigas do seu trabalho, falam que “nem” é coisa de gente brega...então, elas usam “nem” para caçoar e dizer que a mulher está brega.

[52] Localizado, no bairro do Rio Comprido, na cidade do Rio de Janeiro.
[53] Informações orais.

56 - Chamar de ‘nem’ é um insulto

No primeiro item o aluno comenta espontaneamente as atitudes e crenças da mãe e de suas amigas frente ao vocativo. O aluno reflete o imaginário que circula na sociedade. Percebe-se que ele não tem opinião formada a respeito, porque, ao ser questionado, expõe a opinião da mãe e não a dele. Possivelmente daqui em diante esse aluno comece a relacionar o vocativo às características dos usuários.

No segundo, percebe-se um grau de rejeição muito elevado. O vocábulo “insulto” tem uma conotação forte. Sobre a palavra, Garrioch (1997) nos informa que

> Em qualquer cultura existem muitas palavras e imputações que são potencialmente insultuosas – na verdade quase toda expressão o é -, mas elas de fato só passam a ter essa característica quando usadas de uma forma específica. (GARRIOCH, 1997, p. 122)

Sobre o vocábulo “nem”, não observamos, em seu uso como vocativo, uma conotação negativa, porque está diretamente ligado ao tratar bem o outro. Nota-se, porém, uma atitude insultuosa por parte das pessoas que rejeitam seu uso, visto que, além de estigmatizarem esse uso, estigmatizam seus usuários. É bem provável que esse indivíduo, apesar de saber que existem os dialetos sociais, reproduza suas opiniões para a sua rede social. Dessa forma, fica claro que os alunos refletem para os outros o imaginário sociodiscursivo que circula na sociedade.

Podemos, enfim, afirmar que se observou, ao longo deste estudo, que o imaginário construído pela sociedade revela forte grau de rejeição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo investigar as atitudes e crenças que circulam no imaginário de determinado grupo social. Considerando que tal discussão procurava demonstrar que as variedades desprestigiadas socialmente são rejeitadas por determinada camada social, partiu-se da hipótese de que a utilização do vocábulo seria condição para se caracterizar um indivíduo como participante de determinado grupo social.

Como já foi dito, pretende-se levantar uma discussão sobre o imaginário sociodiscursivo que circula dentro dos grupos sociais. Ao salientar esse ponto, procurou-se exemplificar com relatos escritos de falantes de uma variante prestigiosa da língua que assumem determinadas crenças e têm certas atitudes em relação aos usos e aos usuários do vocativo em questão. Esta análise teve como objetivo a verificação das características negativas relacionadas ao vocativo “nem”.

Para tanto, objetivou-se a delimitação de um *corpus* que atendesse às metas pretendidas no estudo. Essa tarefa, porém, não foi tão simples. O *corpus* inicial era muito longo e foi preciso fazer um recorte para que se adaptasse aos novos objetivos. Posteriormente surgiu outra dificuldade. No meio do estudo, o local em que o *corpus* estava sendo pesquisado tornou-se alvo de rejeição e, por incrível que pareça, o grupo social que antes era usuário do site de relacionamentos acabou rotulando os usuários do site inicial de “nens”. Além disso, atualmente é mais comum achar mais relatos orais que escritos sobre esse vocativo.

A escolha das redes de relacionamento mostrou-se interessante para os propósitos metodológicos de seleção do *corpus*, já que nelas se encontram um ambiente em que não ocorre interferência externa na naturalidade do processo comunicativo. Com essas ferramentas de socialização, a Internet mostrou-se como um processo de construção e expressão de identidade por parte dos atores do processo. Além disso, experiências particulares e de sala de aula foram importantes para as análises realizadas.

Como forma de o indivíduo se relacionar nos sites de relacionamento social, notou-se que os membros seguem um contrato de comunicação para comentar na rede. E se o usuário, por algum motivo, fugir a alguma regra, ou seja, relatar algo que fuja à temática da comunidade, acaba se mostrando para o resto do grupo como um não participante e é rejeitado pelos demais.

Durante o estudo, observaram-se muitas crenças e atitudes negativas em relação ao vocativo. Verificou-se que as opiniões são partilhadas por um grupo. Em relação ao item lexical, observamos nas redes sociais que, para o grupo que utiliza uma variante prestigiada socialmente, apesar de ter a ciência de que o vocativo “nem” é utilizado como forma carinhosa de tratamento, rejeita-o de forma a não admitir ser chamado dessa forma. Outro fator identificado foi a vinculação do termo com a classe social do indivíduo. Dessa forma, a rejeição mostra-se mais forte por se tratar de um termo oriundo das classes mais baixas.

Além disso, parcela da sociedade crê que esse vocativo faz parte de um dialeto de gênero feminino, justamente porque as mulheres o utilizam com uma frequência maior. Ficou demonstrado que esse fato pode ser considerado uma falsa crença, porque os homens também o utilizam, porém com menor frequência. Outra questão bastante recorrente é associar o uso do “nem” a uma estratégia empregada pelas pessoas para não confundirem os nomes de seus inúmeros conhecidos.

Alguns usuários assumem a caracterização é até autointitulam-se pelo termo. Além disso, procuram seguir todas as características a ele atribuídas, seguindo o contrato de comunicação estipulado socialmente, para mostra-se para a sociedade com um verdadeiro “nem”.

Temos, nesse caso, o que Charaudeau (2009) denominou “atitude de engajamento”. Essa atitude pode ser entendida, também, como uma construção de identidade.

Atualmente, o mero emprego desse vocativo não é o principal motivo de rejeição, a questão, hoje, é “ser” ou “não ser” um “nem”. Assim, o fato de as pessoas utilizarem o termo e se portarem, de acordo com um contrato de comunicação, como um “nem” é condição para serem rotuladas e excluídas do *status* de falantes da variante prestigiosa da língua.

O novo imaginário que circula no grupo social é a relação que a sociedade está impondo de aproximação entre os vocábulos “nem” e “periguete”. Em muitos estados do país, a utilização do “periguete” confere à mulher uma conotação erótica e difamatória. Curiosamente, as próprias usuárias os relacionam como palavras sinônimas.

No estudo, observou-se que os indivíduos que utilizam a variedade prestigiosa da língua, além de estigmatizarem os termos que as classes desprestigiadas socialmente utilizam, estigmatizam também seus usuários. Assim,

percebe-se a recorrência, no emprego de determinados termos pejorativos, em relação aos falantes estigmatizados socialmente, tais como favelado, pobre, entre outros. Há algum tempo esse emprego estava restrito aos mais jovens, atualmente os mais velhos já estabelecem essa relação.

Como forma de evitar o preconceito ou para não serem marcados por utilizarem o vocativo “nem”, alguns falantes substituem seu uso por outra forma de tratamento, menos estigmatizada socialmente. Dessa maneira, percebe-se a adoção do vocativo “amor”, muito utilizado por casais. Em relação ao uso, observa-se que é utilizado para o mesmo fim: forma de tratamento carinhosa. Essa atitude é adotada como meio de evitar formas linguísticas estigmatizadas, porque as pessoas não querem ser discriminadas socialmente.

Assim, nota-se que, enquanto uns preferem substituir o vocativo por outros menos estigmatizados, outros o utilizam sem o menor problema. Essa atitude indica que o falante está assumindo uma identidade social. Esse tipo de construção de identidade não sensibiliza quem estigmatiza os usuários do vocativo.

Em contrapartida, observa-se que ocorre uma construção de identidade nos indivíduos que rejeitam o vocativo “nem”, porque, ao rejeitá-lo e agirem de acordo com a crença do grupo social, esses falantes passam para a sociedade uma imagem de falantes da variante da língua prestigiada socialmente, possuidores de status e detentores de conhecimentos.

Todo esse imaginário que circula na sociedade pode ser considerado uma fonte de identificação entre os falantes e, a partir da criação de certas crenças, os falantes utilizam estratégias de persuasão para tentar convencer o outro, mesmo que inconscientemente. Assim, como se pode observar, até quem nunca teve contato com o vocativo já age no intuito de rejeitá-lo.

Tendo em vista o estudo realizado, chegou-se à conclusão que algumas crenças que circulam estão enraizadas em determinados grupos sociais, isto é, há a crença de que somente os indivíduos das classes mais baixas utilizam o vocativo em questão e que o seu uso implica diretamente a associação do usuário com as variantes desprestigiadas socialmente. Além disso, constatou-se que a rejeição parte do grupo social que utiliza a variante prestigiosa da língua. Dessa forma, a condição de usuário ou não do vocativo “nem” define o grupo sociolinguístico no qual o falante se insere.

Faz-se importante, portanto, comentar que o uso do vocativo não deve ser condição para definição de *status* social do falante. Da mesma forma, é incorreto dizer que o uso de “nem” é fator para a definição de analfabetismo, porque nem todos os falantes estão inseridos nessa condição. Além disso, não podemos e não devemos culpar os usuários do vocativo pelos problemas educacionais que o país enfrenta.

Para tentarmos minimizar os efeitos da rejeição aos dialetos sociais, é necessário um trabalho de conscientização tanto no ensino básico, quanto na formação de professores, a fim de esclarecer que nossa língua passa por diversas variações. Esse trabalho poderá ser realizado a partir de debates, leitura de textos, jornais, vídeos, entre outros. Além disso, é importante salientar que devemos seguir as normas gramaticais, porém é preciso entender que ninguém utiliza a variante prestigiosa da língua em todas as situações de comunicação.

Finalizando, o interessante deste estudo foi observar a quantidade de ideias pré-concebidas que pessoas com elevado nível de escolaridade até hoje nutrem a respeito da nossa língua. Isso demonstra a importância em continuar explorando tal tema, porque certamente ainda restam algumas questões que ainda não foram respondidas, como, por exemplo, “por que alguns termos oriundos das classes mais baixas são aceitos pelas classes mais altas, como a expressão ‘já é’, e outros, como o vocativo ‘nem’ são tão rejeitados?”.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BENITO Pepe.Brasil 2011. Disponível: <http://www.benitopepe.com.br/2011/01/16/o-que-e-ser-um-nem/>. Acesso em: jan. 2012.

BOCK, Ana M.; FURTADO; Odair; TEIXEIRA, Maria de Lurdes T. *A psicologia e as psicologias*. São Paulo: Saraiva, 1989.

_____ et al. *Psicologias:* uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós cheguemu na escola, e agora?* sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Educação em língua materna:* a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CASÉ, Regina. Programa Esquenta! Produzido pela Rede Globo de Televisão. Disponível em: http://esquenta.globo.com/platb/programa/2012/01/09/%E2%80%98calourao%E2%80%99-elge-a-competidora-mais-%E2%80%9Cnem%E2%80%9D-do-%E2%80%98esquenta/. Acesso em: 8 jan. 2012.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Org.). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Linguagem e discurso:* modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: H., Boyer (Org.). *Stéréotypage, stéréotypes*: fonctionnements ordinaires et mises en scène, L'Harmattan, 2007. Site de Patrick Charudeau – Livres, articles, publications. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les,98.html>. Acesso em: 21 nov. 2012.

_____. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In : PIETROLUONGO, Márcia (Org.). *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009. p. 309-326. Disponível em: <http: //www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>. Acesso em: 21 nov. 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *O que é ideologia*. São Paulo: Ática, 1980.

COSERIU, Eugênio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980.

DICIONÁRIO HOUAISS eletrônico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Versão 1.0. 1 CD.

FACEBOOK. Mais ou menos isso, manual como torna-se uma nem. Brasil2004-2013. Disponível em: <https: //www.facebook.com/maisoumenosisso/posts/246194935453420>. Acesso em: jan. 2012.

FRAGA, Letícia. *Os holandeses de Carambei:* estudo sociolinguístico. 2008. 222 f. Tese (doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <http://www.Bibliotecadigital. unicamp. br/ document/?code=vtls000442936&opt=4>. Acesso em: jan. 2012.

GARRIOCH, David. Os insultos verbais na Paris XVIII. In: Roy Poter, org. *História social da linguagem*. São Paulo: Editora UNESP Fundação; Cambridge University Press, 1997. p. 121–140.

GNT fashion. Rio de Janeiro 2003-2012. Disponível em: <http://gnt.globo.com/moda/noticias/Regina-Case-fala-sobre-o-estilo-das--nem-.shtml>. Acesso em: jul. 2012.

HALLIDAY, M. A. K; Mc INTOSH A.; STREVENS, P. *As ciências linguísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974.

HEMPELL, A. Orkut at Eleven Weeks. 2004. Disponível em: <http: www.anthonyhempell.com/papers/orkut/>. Acesso em: 20 out. 2012.

HOUDEBINE-GRAVAUD, Anne-Marie. L'Imaginaire linguistique, un niveau d'analyse et un point de vue théorique. In: _____. (Org.). *L'Imaginaire linguistique*. Paris: L'Harmattan, 2002. p. 9-22.

STRICKLAND, Jonathan. *HowStuffWorks - Como funciona o Facebook*. Publicado em 10 de dezembro de 2007 (atualizado em 11 de fevereiro de 2009). Disponível em: <http://informatica.hsw.uol.com.br/facebook.htm>. Acesso em: mar. 2013.

LEMOS, André. Prefácio.In : RECUERO, Raquel (Org.). *Blogs.Com*: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística:* o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. Considerações sobre o modelo de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, Minas Gerais, v.6, n.1, 2004. p. 1-6. Disponível em: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/ViewFile/77/120>. Acesso em: jan. 2012.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. Língua padrão, língua culta, língua literária e contrato de comunicação: sobre o retorno à Filologia, diacronia e outros estudos. *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia.* série 7, n.10. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10.html>. Acesso em: jan. 2012.

_____. *Como e quando interferir no comportamento linguístico do aluno*. In: JÚDICE, Norimar; GAVAZZI, Sigrid; TROUCHE, Lygia et al (Org.) *Português em debate.* Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999. Disponível em: <http://heleniofon.blogspot.com.br/2012/08/como-e-quando-interferir-no.html>. Acesso em: mar. 2012.

_____. Ensino do léxico: o problema da adequação vocabular. *Matraga*. Rio de Janeiro, v.19, p. 49-68, jul./dez. 2006.

_____. Imaginário linguístico, “certo” e “errado” & ensino da língua. *Revista de Humanidades*, Fortaleza, v.26, n.2, p. 284-294, jul./dez. 2011. Disponível em: http://heleniofon.blogspot.com.br/2012/07/imaginario-linguistico-certo-e-errado.html

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ORKUT. Eu odeio que me chame de nem. Brasil; 2004-2013. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1205639>. Acesso em: ago. 2008.

ORKUT. não me chame de nem.Brasil; 2004-2013.Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?Cmm=913176>. Acesso em: ago. 2008.

POSSENTI, Sírio. *Preconceito linguístico:* citações e referências a documentos eletrônicos. Disponível em: http://cienciahoje.uol.com.br/ colunas/ palavreado/ preconceito-linguistico, 23/12/2011. Acesso em: 2 jan. 2013

PROGRAMA Fantástico. Produzido pela Rede Globo de Televisão. Disponível em :http://globotv.globo.com/rede-globo/fantastico/v/fantastico-mostra-o-estilo-das-moradoras-do-alemao-no-rio/2343146/>. Acesso em: 13 jan. 2013.

RECUERO, Raquel*. Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTA Clara envergonhada. Brasil 2012. Disponível em: <http://www.santaclaraenvergonhada.com.br/2012/01/Arrasa-nem.html>. Acesso em: jan. 2012.

SANTOS, Emmanoel. *Certo ou errado*? atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SANTOS, Joaquim Ferreira. Não é o nem. É a nem*. Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 1 dez. 2011.

SER mulher-luna. Brasil 2012. Disponível em: <http://sermulher-luna.blogspot.com/2012/01/e-ai-nem.html>. Acesso em: jan. 2012

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA, Eni Ferreira. *O imaginário linguístico no Orkut*. Monografia de conclusão do curso de Pós- graduação Especialização em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. mimeo.

VIA mulher.Brasil 2011. Disponível em: <http://vilamulher.terra.com.br/mulher-nem-ja-ouviu-falar-11-1-69-679.html>. Acesso em: mar. 2012

ANEXO

Orkut - Comunidade “Eu odeio que m chame de ‘nem’ ” – consultada em: 04/08/2010 – 6.253 membros.

1. oke vc fala quando te xhamam d nem?

2. "ai pára cun isso, coisa de gente falsa"

3. faaaaaala coleega ! hãn ?? não ouvii ! o que você queer ? um chicrete ? ¬¬ aaaaaaaaaf , que coisa mais de favelado , chamar os outros de néein ! Ps. gente , eu só não sei o que eu falariia se uma pessoa que é favelada de verdade (que morasse na favela e tudo) chegasse pra mim e me chamasse de néin , isso nunca aconteceeu , e eu espero que nunca aconteça ! UHAUAHUAHAUH' Thalita

4. isso eh coisa de gente falsa msm....

5. Para com isso seu favelado , nem ? Nem te conheço =)

6. Eu digo ..Ah! para não me chama de nem não que eu detesto, me chama pelo meu nome que é melhor ! coisa de favelado isso .. aff..

7. É coisa de favela do,mas eu falo que tenho nome

Orkut - Comunidade “não me chame de ‘nem’ ” – consultada em: 19/08/2010 – 24.153 membros.

8. Ser chamado de nem é carinho ou deboche?

9. De repente é o jeito da pessoa falar.....mas eu não gosto.. =P

10. pras outras pessoas é carinho, mas eu considero como deboche por que é rídiculo

11. CARINHO. Apesar de odiar este termo, eu percebo q as pessoas fazem como forma carinhosa de tratamento e qdo é em lj eles acham q tão tratando bem a sua clientela, q assim conkistará o (a) fregues(a)!...rs

12. Pra mim, já caiu na raia do engraçado. Eu começo a rir e chamo também. Tô NEM aí!!!

13. Deboche !

14. Deboche

15. Deboche

16. maioria das vezes e deboche

17. deboche

18. Essa mania de chamar as pessoas de Nem, me da odio!!! Quem inventou isso????? Coisa ridicula esse jeito de chamar as pessoas!!! Arggggggghhhhhhhhhhhhhh!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

19. Eu naum gosto acho feio....pra mim é deboche...

20. DEPENDE DA LOCALIDADADE

21. Depende. Tem algumas localidades aqui no Rio (comunidades) q o pessoal está acostumado a falar assim... vira um vício (muito feio por sinal) ... mas eu tenho um amigo q só pq as pessoas nao gostam a gente se trata assim... Ohhh Nénnn qué Cocrete?? (Isso é deboche) Mas se não vigiar vira mania...rs

22. pra mim chamar de nem é coisa de favelado!!

23. aff... pra quem fala é carinhoso, mas quem escuta é um atentado ao pudor... kkkk
NEm é coisa de favela!!!!!!!!!!!!!!!!!!

24. Para mim é uma estratégia para não confundir os nomes, ou seja, são pessoas que "ficam" com um hoje, outro amanhã ou varios no mesmo dia e "nem" se dão ao trabalho de decorar nomes.

25. é carinhoso, mas não gosto nao, é coisa de favelado ¬

26. Pra mim ou é deboche, ou é vergonha de perguntar o nome !

27. Coisa de pobre
Pra mim isso é coisa de pobre e favelado...

28. **Não é bem coisa de pobre...**Puxa vida, eu me perguntava se era apenas mais uma de minhas manias ou apenas ojeriza a esta forma de tratamento. Porém,pelo que vejo, não sou somente eu que sofro deste mal... até minha amiga Tatiana, cara!!! Tudo bem que a gente tem um bocado de coisa em comum, mas isso eu não sabia. Não vou ser xiita nem segregacionista ao afirmar que é coisa de pobre, até mesmo porque rico eu não sou. Tudo bem que a larga maioria de pessoas que conheço (e que não conheço também) que

usam esta... hum, digamos... "forma de tratamento" pertencem à camadas menos favorecidas da sociedade, porém também conheço gente que possui um padrão de vida um pouco mais confortável que também ADORA chamar os outros disso... Não sei se é uma tentativa de desenvolver alguma intimidade com a pessoa, ou se ela esqueceu o teu nome, ou até porque ela simplesmente goste de falar assim (fazer o quê,ué?), só sei que realmente é extremamente irritante. O que mais me intriga é que eu só vejo MULHERES usando este termo. Homem mesmo (gays não contam!), que eu conheça, nunca ouvi sequer pronunciar... Isto posto, passo a concluir que é COISA DE MULHER, não é bem de pobre não... (rsrsrsrs).

29. Coisa de P...Essa coisa de "NÉM" é bem típico daquelas mulheres que ficam nas "Casas de Tolerâncias", vcs entenderam, né? hehehe...

30. Apenas lembro que meu nome é Lorena...ou se for uma pessoa q nao é do meu convivo...eu informo que meu nome é Lorena... Eu sempre ouvi falar que os homens que têm muitas mulheres chama de ném para nao confundir os nomes...Até pode ser...se meu namorado me chamar de ném..eu falou q ném é p**** que pariu...Mulher chamando de nem é chato, sei lá...Sinal de pobreza nao...porq todo pobre tem um nome...eu vejo como sendo uma mania...uma mania muito da sem graça...ecaaaaaaaaaaaaa...

31. É horrível!! Acho que é típico de favelado e povo que não lembra seu nome acaba usando achando que tá agradando....ék!! Bjks

32. Concordo. eu acho que ela está certa, isso é coisa de pobre e favelado, eu odeio quando a pessoa me chama de nem, parece que aquela palavra fica horas na minha cabeça e eu fico com má impressão da pessoa, fico com raiva, sei lá, eu odeio e amei essa comunidade, pq axei que só eu que não gostava de ser chamada de nem!!

33. Oi, Nossa nunca pensei que tinha pessoas que tbm axam isso ai eh horrivel xamarem vc d nem ! eh coisa d pobre de favelado que nao tem intimidade com vc e fica falando isso

FACEBOOK

Comentário consultado em OUTUBRO DE 2011

34. SANDRO **-** Como torna-se um NÉM: 1. Comece cortando a letra “m” do final das palavras: garage, passage, viagem. 2. Retire o “d” dos verbos em gerúndio: falano, cantano, fazeno. 3. Elimine o “s” dos plurais: as criança, os motoboy, as carne. 4. Crie vogais inexistentes no meio das palavras no meio das palavras: naiscer, adevogado. 5. Em algumas palavras, troque o “s” pelo “r”. torrermo, ercuro, ercola. 6. Conjugue o “mmi”: pra mim fazer, pra mimcumé, ou melhor:pámien fazer. Isso mesmo: mien. 7. Pratique as seguintes situações: tire foto de si mesmo no espleho do banheiro, coloque um piercing com penduricalhos no umbigo, passe doura-pêlo na praia, faça uma tatuagem no antebraço com o nome Jesus ou homenageando algum parente. 8. Tenha Orkut. E no MSN, ixCrEVa sEmPRe aXiM.9. Turbine seu carro: ele deve ser rebaixado, com insulfilm e ter um adesivo “Foi Jseus quem me deu.” 10. Ném tem rádio. Não tem celular. E só fala no viva-voz. 11.Ouça funk no ônibus sem fone de ouvido no volume máximo. 12. E, obviamente, não cultive amigos. Ném que é nem é cheio de colegas! PRONTO: Agora você já é um verdadeiro NÉM. (6 PESSOAS CURTIRAM ISSO) *Obs: até a hora da retirada do site*)

35. Dicas para você se tornar um ném

Talvez você não esteja identificando o que é ser ném. Talvez. Dúvida que vai sumir no máximo até a terceira dica. Quem sabe você mesmo já não é um pouco. Mas vamos lá, você pode ser um completo. Assim você entra na moda. Afinal, este estilo particular de ser não para de se espalhar por aí, ném.

- A primeira dica é trocar qualquer vocativo por ném. Nada de moço, senhor, cara, menino. Comece a chamar todo mundo de ném.

- Talvez a única exceção seja chamar os amigos de braço. Mas, por segurança, na próxima frase use ném.

- E que tal colocar um piercing no umbigo? Só que não é qualquer piercing. Tem que ser um com aquele penduricalho.

- Além disso, você só deve andar de van. E, se puder, criar intimidade com o motorista.

- Falando em intimidade, ném não tem amigo. Tem colega.

- Agora é o momento das dicas de português. Anota aí: corte a letra “m” do final das palavras. Exemplos: garage, viage, passage.

- Já que estamos nessa onda de cortar tudo, retire o “d” quando o verbo estiver no gerúndio. “Falano”, “cantano”, “fazeno”.

- Elimine também a letra “s” dos plurais. Como, “as criança”, “os motoboy”, “os churrasquinho”, “as carne”.

- Crie vogais inexistentes no meio das palavras. Tipo, “naiscer” e “adevogado”.

- Comece e termine perguntas com “tu”. Exemplo: “tu vai lá, tu?”.

-Em algumas palavras, troque o “s” pelo “r”. Em vez de “mesmo”, fale “mermo”.

- Conjugue o “mim”. Exemplo: “pra mim fazer”. Ou melhor: “pámien fazer”. Isso mesmo, “mien”.

- A propósito, chame jantar de janta. E qualquer tipo de massa de macarrão.

- A essa altura, você já está se tornando um ótimo ném. Mas dá pra ser ainda melhor tendo umas atitudes como tirar foto em shopping. Ou tirar foto de si mesmo no espelho do banheiro.

- Mais que isso. Quando for à praia, não se esqueça de 3 coisas: levar uma caixa de isopor, rolar na areia (em grupo!) e passar doura-pêlo (vai, arrasa, ném).

- Só que antes, faça uma tatuagem no antebraço com o nome Jesus ou o de algum parente.

- Mas para isso, capriche no nome dos filhos. João, Maria, Ricardo, Ana estão fora de cogitação. Aqui, quanto mais diferente, melhor.

- Vem cá, tu tem Facebook, tu? Ih, esquece, quem é ném mermo tem é Orkut.

- E, no MsN, ixCrEVe sEmPRe aXiM.

- Agora, uma dica específica pra quem é vendedor. Sempre aborde o cliente fora da loja. Sempre.

- E aproveite o salário para deixar o carro tunado. No mínimo, no mínimo, ele deve ser rebaixado e com insulfilm.

- Mas para ser completo mesmo, instale um som boladão para ouvir música alta na orla. Com o porta-malas do carro aberto, é claro.

- Neste momento, você já está muito perto de se tornar um ném. Por isso, preste atenção. Quem é ném, usa rádio em vez de celular. No viva-voz.

- Assim como escuta música no celular. No viva-voz.

Pronto. Agora você já pode ser um verdadeiro ném. É nóis. Abra uma cidra para comemorar (tem que ser uma cidra). E, se você tiver alguma dúvida, é só consultar as nossas dicas.

Já é ou já era?

Perfil Mais ou menos isso consultado em 07 de janeirode 2012 - disponível em:

Http://www.facebook.com/maisoumenosisso/posts/246194935453420

BLOG

36. Como se tronar um nem": redator Staff na Globo

O blog Mais ou Menos Isso (www.maisoumenosisso.com.br), criado há cerca de um ano pelos redatores Leo Valpassos da Staff e Lucas Ribeiro da Loja Comunicação, vai integrar a nova temporada do Esquenta!, apresentado por Regina Casé, na Rede Globo.

No programa, o texto "Dicas para você se tornar um ném" será usado como critério para definir qual a candidata mais "ném" no quadro Calourão.

Além de participar com o texto, os redatores também aparecem como comentaristas durante todo o programa.

O Esquenta! vai ao ar neste domingo, dia 08 de janeiro, às 13h50.

Consultado em: 6 de Janeiro de 2012

Disponível em: //Voxnews.com.br/dados_otícias.asp?codnot=77476

JORNAL O GLOBO

37.

Quinta-feira, 1 de dezembro de 2011 O GLOBO

GENTE BOA

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

Não é o Nem. É a Nem

• Vai ter "Concurso de 'Nem'" no programa "Esquenta" de **Regina Casé**. É uma estética nova nas ruas do Rio. Inclui disputa da unha mais emperiquitada (adesivo com florzinha vai bem), penteado (sempre com aplique) e roupa (sempre em tamanho P, com short atochado de bolso aparecendo por baixo e strass bordado). "Nem" é a periguete sem grana.

INFORMAÇÕES ORAIS

38. Dizem que homem não utiliza o vocativo “nem”, porém, no 1º semestre de 2011, presenciei um senhor que trabalha no LIDIL – 11º andar – UERJ utilizando o termo em um pergunta:

“ DÁ PRA ENXERGAR AÍ NÉM ?” (informação oral)

39.

A - Tinha uma “Nensada” em frente ao Barra music

B - Ah ! Aquele short de “nem”

(informação oral – Sexo feminino, 18 anos, classe média, moradora do Jacarepaguá, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Relato recolhido no último trimestre de 2011)

40 . (Informação Oral) Moradora do bairro Jacarepaguá , localizado na cidade do Rio de Janeiro, classe média, 14anos, estudante do Colégio Bahiense. Relato recolhido em fevereiro de 2012.

Durante a aula de teatro a classe foi estimulada a criar personagens de uma peça da escola. A turma caracterizou uma das personagens como uma “nem” e esta deveria ter as seguintes particularidades:

• *falar alto e até gritar em determinados momentos da peça.*
• *“era meio burra” (palavras da aluna).*
• *escutava música alta com celular sem o fone de ouvido.*
• *a personagem deveria usar roupas chamativas e acessórios exagerados (cordões, pulseiras e anéis)- segundo a jovem a personagem “usava roupa escandalosa”.*
• *o cabelo era “bagunçado”. De acordo com os alunos “ném não tem o cabelo liso”.*

FACEBOOK

41 -

Consultado no site de relacionamento facebook, em 16 de Fevereiro de 2012.

BLOGS

42. **ARRASA NÉM.**

Um dos meus programas preferidos é definitivamente o "Esquenta" da Regina Casé. Meu sonho é descer aquela rampa dançando "VEM QUE VEM QUE VEM COM TUDO". Sou povão. Mas enfim, se tem uma coisa que eu amo da cultura popular moderna (aqueles querendo glamourizar) SÃO AS NÉM.

Ném é tipo uma piriguete da periferia, do morrão. Preciso nem ficar dando detalhes justamente pq a Regina proporcionou um MARAVILHOSISSIMO "CONCURSO DE NÉM" no programa dela. OU SEJE, é muito amor, muito PILSI, muita TATUAGI e KOLENE, meu amor.

Vale cada segundo vivido assistindo isso. A imagem é péssima, mas a coisa toda é tão sensacional que você nem percebe. Se alguém tiver um vídeo melhorzin deixa nos comentários que eu atualizo e credito, logicamente.

CAI PÁ DENTO MEU AMOR

Consultado em 17 de Janeiro de 2012 no Blog Santa Clara Envergonhada

Disponível em: http://www.santaclaraenvergonhada.com.br/2012/01/arrasa-nem.html

43. ENGRAÇADO QUE AGORA SER NÉM NÃO TEM O MESMO CONCEITO DO USO...PQ NÉM É UM VOCATIVO QUE AS PESSOAS UTILIZAM PARA TRATAR DE FORMA CARINHOSA AS PESSOAS, PORÉM AGORA TEM UM NOVO CONCEITO, NÉM É SER “PIRIGUETE, PESSOA FÁCIL”.

E aí, Ném?

Você já ouviu falar em *Ném*? Inicialmente pensei no famoso traficante. Depois achei que poderia ser a abreviação de neném. Mas, ao assistir o programa Esquenta de Regina Casé, entendi o seu significado e vou descrevê-lo usando um texto desconhecido da internet que faz uma análise perfeita do que é ou faz este tipo de ser:

- Troca qualquer vocativo por ném. Nada de moço, senhor, cara, menino. Chama todo mundo de ném.

- Usa um piercing no umbigo. Só que não é qualquer piercing. Tem que ser um com aquele penduricalho.

- Usa esparadrapo para fazer marca de biquini ao tomar sol na laje.

- *Ném* corta a letra “m” do final das palavras a exemplo de: garage, viage, passage.

- Em algumas palavras, troca o “s” pelo “r”. Em vez de “mesmo”, fala “mermo”.

- Conjuga o “mim”. Exemplo: “pra mim fazer”. Ou melhor: “pámien fazer”. Isso mesmo, “mien”.

- Tira foto em shopping. Ou tira foto de si mesmo no espelho do banheiro.

- Quando vai à praia, leva uma caixa de isopor, rola na areia (em grupo!) e passa doura-pêlo (pá arrasá, ném).

- Não tem Facebook porque quem é *Ném mermo* tem é Orkut.
- No MsN, ixCrEVe sEmPRe aXiM.

- E *Ném* usa rádio em vez de celular. Assim como escuta música no celular. No viva-voz. E ainda dança no ônibus.

É isso aí...Se identificou, *Ném!*?!

Disponível em: http://sermulher-luna.blogspot.com/2012/01/e-ai-nem.html

44.

“O que é ser um Ném?”

usuário Says: janeiro 20th, 2011 at 10:28 AM

Olá meu querido ném, quanto tempo ném? Olha só ném! Dê-me um cigarro diz a gramática do professor e do aluno e do mulato sabído. Mas o bom ném negro e o bom ném branco da Nação Brasileira, dizem todos os dia, deixa disso ném, me dá um cigarro. Este ném que postô êce tema é um conhecedô do portugues popular falado no mundo da rua do ném. Isto aqui na Capitá! se ir pro interiô, vige como tem ném. é ném pra cá, ném pra lá, noça como tem ném lá no interiô. O ném sai da sua sidade, com pé no chão, vem pra capitá e vira presidente,ainda pro riba deixa outra nem, no seu lugá. Meu querido ném, o verdadeiro ném é iguá aquele tá de Falcão cantador.´Adispois que ví esta iscrita sobre ném, fiquei a imaginá, se não seria mais mió cabá com o papagai faladô da politica e da igreja. Numa reunião de ném todo mundo se entendi,agora se butá um papagai faladô pra falá a coisa se complica. Porquê o ném tem seu modo e jeito de falá, e não precisa de paletó e gravata para enganá o outro ném. Meu amigo, ném precisá perguntá estive afastado devido ao probrema do AVC mai vendo esta estoria do ném, me deu vontade de iscrever um comentario. Um abraço do amigo nem

45. Usuária says: janeiro 8th, 2012 at 6:09 PM

Definitivamente eu nunca serei ném……NEM se eu tentasse.

Disponível em: http://www.benitopepe.com.br/2011/01/16/o-que-e-ser-um-nem/

46. usuário Says: janeiro 9th, 2012 at 11:06 AM

então ser “ném” é ser analfabeto, aculturado e ignorante? Tudo que uma população precisa para ser extinta? Complicado isso.

Disponível em: http://www.benitopepe.com.br/2011/01/16/o-que-e-ser-um-nem/

47. Usuária Says: janeiro 21st, 2012 at 9:52 PM

KKKKKKKKK…eu estava pesquisando sobre o que é ser um “Ném”, quando achei o seu artigo e vi o quão realista a descrição do verdadeiro “Ném”. O pior, ou melhor sei lá, é que o número de pessoas que acham bonito ser “Ném” têm aumentado cada vez mais…

Disponível em: http://www.benitopepe.com.br/2011/01/16/o-que-e-ser-um-nem/

48.

- Grifes preferidas de Ném: PXC, HBS, CBK e qualquer outra que faça o estilo e tenha 3 letras como nome.

- Usar roupa de cor neon é coisa de Ném!

- Ném adora levar uma toalhinha de rosto pra todos lugares: seca as dobrinhas da barriga, seca o suvaco, seca a criança...
- Ném, quando vai tirar foto, joga a cabecinha pro lado, põe a mãozinha na cintura e faz sinal de paz e amor com os dedinhos.

- O Cebolinha troca o R pelo L e Ném faz o contrário. Daí surgem coisas como prano, frocos, prantão....
- Ném não anda sozinha. Geralmente, está com o bonde.
- Ném não tem amigo. Tem colega.
- Ném não fala moço, moça, senhor, cara, menino... Todos os vocativos são substituídos por "Ném".
- O coletivo de peixe é cardume, ocoletivo de lobo é matilha e o coletivo de Ném é OS PESSOAL.
- Ném não usa qualquer piercing no umbigo: só o tipo penduricalho!
- Grifes preferidas de Ném: PXC, HBS, CBK e qualquer outra que faça o estilo e tenha 3 letras como nome.
- Ném não vai pro trabalho. Vai pro serviço.
- Ném corta a letra “m” do final das palavras. Exemplos: garage, viage, passage...
- Ném tira o “d” quando o verbo está no gerúndio.Daí, surgem “falano”, “cantano”, “fazeno”...
- Ném corta a letra “s” dos plurais. Daí vem “as criança”, “os motoboy”, “as linguiça”, “as carne”...
- Ném cria vogais inexistentes no meio das palavras e daí surgem coisas como “naiscer” e “adevogado”.
- Ném começa e termina perguntas com “tu”. Exemplo: “tu vai lá, tu?”.
- Ném troca o “s” pelo “r” em algumas palavras. “Mesmo”, no vocabulário Ném, transforma-se em “mermo”.
- Ném sempre conjuga o “mim”. Exemplo: “pra mim fazer”.
- Os cenários preferidos de Ném pra fotos são os shoppings e espelhos de banheiros.
- Ném ixCrEVe sEmPRe aXiM no msn.
- Vendedora / Vendedor Ném aborda o cliente fora da loja.
- Ném adora usar nextel com volume bem alto. Se não tiver nextel, vale o celular no viva-voz mesmo.
- Ném não conhece fone de ouvido e, por isso, obriga todo mundo do ônibus a ouvir a música que toca em seu celular.
- Ném tira foto só pra colocar no orkut.
- Ném gosta mesmo é de dançar no ferro do camarote.

- Ném quando não tem o cabelo esticadinho de chapinha, tem cabelo que pinga kolene.

- Ném passa blondor na praia. Se rola na areia depois, vira um nugget.

- Ném coloca fita crepe na pele pra tomar sol e fazer a suposta marca de biquini asadelta pra arrasar no baile depois.

- Ném adora fazer o coraçãozinho com a mão

- Ném torce pro fRamengo.

- Ném dá nome estrangeiro adaptado pros filhos. Daí surgem Brayan, Échiley, Keiti....

- Ném bebe cerveja Crystal.

- Ném tira várias fotos em sequência, com ângulos diferentes do rosto e posta todas no orkut.

- As legendas das fotos de Ném no orkut costumam ser do tipo "eu gatinha", "eu boladona", "eu pensativa"...

- As poses preferidas de Ném para tirar fotos são com a língua pra fora ou com o popô em evidência.

- Ném não tem amigo. Tem colega.

- Ném não fala moço, moça, senhor, cara, menino... Todos os vocativos são substituídos por "Ném".

- O coletivo de peixe é cardume, ocoletivo de lobo é matilha e o coletivo de Ném é OS PESSOAL.

- Ném não usa qualquer piercing no umbigo: só o tipo penduricalho!

- Ném não vai pro trabalho. Vai pro serviço.

- Ném corta a letra “m” do final das palavras. Exemplos: garage, viage, passage...

- Ném tira o “d” quando o verbo está no gerúndio.Daí, surgem “falano”, “cantano”, “fazeno”...

- Ném corta a letra “s” dos plurais. Daí vem “as criança”, “os motoboy”, “as linguiça”, “as carne”...

- Ném cria vogais inexistentes no meio das palavras e daí surgem coisas como “naiscer” e “adevogado”.

- Ném começa e termina perguntas com “tu”. Exemplo: “tu vai lá, tu?”.

- Ném troca o “s” pelo “r” em algumas palavras. “Mesmo”, no vocabulário Ném, transforma-se em “mermo”.

- Ném sempre conjuga o “mim”. Exemplo: “pra mim fazer”.

- Os cenários preferidos de Ném pra fotos são os shoppings e espelhos de banheiros.
- Ném tatua "Jesus" ou nome de parente no antebraço.
- Ném ixCrEVe sEmPRe aXiM no msn.
- Vendedora / Vendedor Ném aborda o cliente fora da loja.
- Ném adora usar nextel com volume bem alto. Se não tiver nextel, vale o celular no viva-voz mesmo.
- Ném não conhece fone de ouvido e, por isso, obriga todo mundo do ônibus a ouvir a música que toca em seu celular.
- Ném tira foto só pra colocar no orkut.
- Ném gosta mesmo é de dançar no ferro do camarote.
- Ném quando não tem o cabelo esticadinho de chapinha, tem cabelo que pinga kolene.
- Ném passa blondor na praia. Se rola na areia depois, vira um nugget.
- Ném coloca fita crepe na pele pra tomar sol e fazer a suposta marca de biquini asadelta pra arrasar no baile depois.
- Ném adora fazer o coraçãozinho com a mão
- Ném torce pro fRamengo.
- Ném dá nome estrangeiro adaptado pros filhos. Daí surgem Brayan, Échiley, Keiti....
- Ném bebe cerveja Crystal.
- Ném tira várias fotos em sequência, com ângulos diferentes do rosto e posta todas no orkut.
- As legendas das fotos de Ném no orkut costumam ser do tipo "eu gatinha", "eu boladona", "eu pensativa"...
- As poses preferidas de Ném para tirar fotos são com a língua pra fora ou com o popô em evidência.

Consultado em 05 de março de 2012.
Disponível em: http://www.allthelikes.com/application.php?app=306230

49.

Regina Casé fala sobre o estilo das 'ném'

'elas criaram uma estética própria', diz a apresentadora

Quando o assunto é moda, Regina Casé não passa despercebida. Ela é fã de estampas estilosas e seus looks são sempre comentados. Apresentadora do programa "Esquenta!", Regina também é uma boa observadora do estilo das meninas da periferia, as "ném". No vídeo abaixo, ela conversa com Lilian Pacce sobre isso: "**Elas criaram uma estética própria, criada por elas, e não querem imitar quem é rico**". Assista e saiba mais:

Vídeo com a entrevista completa está disponível em GNT Fashion:

http://gnt.globo.com/moda/noticias/Regina-Case-fala-sobre-o-estilo-das--nem-.shtml

SITE DE LETRAS DE MÚSICAS

50.

Vai Arrasa Nem
(Mc Marcinho)

Vai arrasa nem
Vai arrasa nem
Sacode, agita requebra nesse vai vem
Arrasa nem
Vai arrasa nem
Ai tá gostosinho delícia vem dançar também

Amor
Se arruma pra gente sair
É festa e hoje eu vou me divertir
O Dj tá tocando solta o pancadão
Que as minas quer se acabar aqui no meio do salão
Vai arrasa nem
Vai arrasa nem
Sacode, agita requebra nesse vai vem
Arrasa nem
Vai arrasa nem
Ai tá gostosinho delícia vem dançar também

Disponível em : http://letras.mus.br/mc-marcinho/1586867/

BLOGS

51.

MULHER "NEM" - JÁ OUVIU FALAR?

Há um novo estilo ganhando destaque no Rio de Janeiro e não é de música. Estou falando de uma tribo chamada "**mulher nem**". Com comportamento e roupas muito características elas estão conquistando espaço nas praias, shoppings e vans da capital fluminense.

Podemos dizer que as "nem" são uma versão atualizada das **periguetes**. "É muito mais periguete. O estilo tem mais a ver comcomportamento, quando elas estão a fim, vão para cima, fazem e acontecem", diz Lucas Ribeiro, redator publicitário que mantém um blog chamado "Mais ou menos", na página ele e Leo Valpassos publicam textos sobre suas análises de fatos e comportamentos do cotidiano da cidade. É possível notar que há periguetes de classe média, por enquanto, nem só são encontradas nas classes mais baixas. "O que elas têm em comum é o querer aparecer, elas usam principalmente as roupas para isso", observa.

Algumas atitudes caracterizam bem as mulheres "nem": ouvir música alta no **transporte público**(elas adoram andar de van), usar o viva-voz ou o rádio para conversar com as colegas, tatuar "Jesus" ou o nome de algum parente no braço, usar piercing de pingente bem grande no umbigo, barriga à mostra não pode faltar, por isso elas só usam top.

Lucas, em parceria com Leo Valpassos, publicou uma lista com dicas para **identificar** uma **nem**assumida. "Anote aí: corte a letra ‘m’ do final das palavras. Exemplos: garage, viage, passage, Já que estamos nessa onda de cortar tudo, retire o ‘d’ quando o verbo estiver no gerúndio. ‘Falano’, ‘cantano’, ‘fazeno’, por exemplo. Por último, elimine também a letra ‘s’ dos plurais. Como, ‘as criança’, ‘os motoboy’, ‘os churrasquinho’ e ‘as carne’.

As sugestões não param por aí. Uma verdadeira nem chama "jantar" de "janta" e qualquer tipo de massa de macarrão. Também tira foto nos provadores das lojas e na frente do espelho do banheiro. Quando elas vão à praia levam uma caixa de isopor com comida e descolorante de pelos. Sempre que fazem uma pergunta, começam e terminam com "tu". Exemplo: "tu vai lá, tu?". Lucas se diverte: "Vem cá, tu tem Facebook, tu? Ih, esquece, quem é ném mesmo tem é Orkut."

Ser nem não é privilégio feminino, também há **homens nem**. "Eles aproveitam o salário para deixar o carro tunado. No mínimo, no mínimo, ele deve ser rebaixado e com insulfilm. Mas para ser completo mesmo, instale um som boladão para ouvir música alta na orla. Com o porta-malas do carro aberto, é claro", sugere Lucas.

Atenção para última característica: elas trocam qualquer vocativo pela palavra "nem". Não dizem moço, senhor, cara, rapaz chamam todo mundo de "nem". Agora que você já sabe como elas agem talvez as reconheçam nas ruas.

Por Bianca de Souza (MBPress)

Consultado em 23 de março de 2012.

Disponível em: http://vilamulher.terra.com.br/mulher-nem-ja-ouviu-falar-11-1-69-679.html

INFORMAÇÃO ORAL

52. Docente com mestrado em língua portuguesa (informação oral)

“O nem está internalizado nas pessoas como símbolo de favelado”

“não gosto que me chamem de nem, acho que é coisa de gente de baixa aquisição social.”

FACEBOOK

53. (Consultado na rede de relacionamento facebook em 26 de abril de 2012).

54. (Consultado no site de relacionamento facebook em: 26 de setembro de 2012)

55. (informação oral – aluno do Cap UERJ – 6º ano do ensino fundamental)

“ A minha mãe falou que ela, e as amigas do seu trabalho, falam que “nem” é coisa de gente brega...então elas e as amigas usam “nem” para caçoar e dizer que a mulher está brega”.

(março de 2013)

56. (informação oral – aluna do CapUERJ- 6º ano do ensino fundamental – “Chamar de nem é um insulto”

(março de 2013)